

**SÉRIE ANTROPOLOGIA**

**207**

**A “NAÇÃO EM CHUTEIRAS”: RAÇA E  
MASCULINIDADE NO FUTEBOL  
BRASILEIRO**

**Marcos Alves de Souza**

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre)

**Brasília**

**1996**

## ***SUMÁRIO.***

Esta dissertação constitui-se num esforço de compreensão de algumas questões fundamentais do futebol brasileiro. Inicialmente entenderemos em que medida as definições do futebol (esporte, jogo e espetáculo) esclarecem o que os seus adeptos vivenciam no mesmo. Na segunda parte, analisaremos a essencialização da construção da imagem da Nação brasileira, via futebol, tanto no senso comum, como entre autores que dedicaram-se ao assunto, que serão lidos como produtores de representações da construção da imagem da nação. Ressaltando pretensas substâncias do povo brasileiro, as ideologias nacionalistas demarcam o pertencimento a uma nação ideal e vitoriosa baseando o estilo brasileiro de futebol, conhecido como "futebol-arte", em supostas características herdadas geneticamente pelos negros do país. Por outro lado, o futebol brasileiro também estabelece e comunica as diferenças impostas pela construção da nação a partir da afirmação da masculinidade e das relações entre os gêneros.

## ***ABSTRACT.***

This dissertation is meant as an effort to understand some fundamental questions concerning Brazilian soccer. It aims initially to understand how apt are current definitions of soccer (as sport, game and show) to make clear what its adepts experience in it. In the second part, it will be analysed the 'essentialization' trend in the building of the image of Brazilian nation through soccer, both in common-sense and among the authors who have dealt with the theme, that will be analysed as producing representations of the building of the Nation's image. Trying to highlight pretense 'substances' of Brazilian people, Nationalist ideologies demarcate the sense of 'being part of' an ideal and mastering Nation, making the Brazilian style of soccer known as Futebol-Arte, a derivation of supposed characteristics genetically inherited by Brazilians of African origin. Also, Brazilian soccer devise and transmit differences imposed by the building of Nation from the affirmation of maleness and from gender relations.

### ***AGRADECIMENTOS.***

À CAPES pelo apoio financeiro concedido-me na forma de bolsa.

Aos Funcionários do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília: Rosa, Paulo, Janete, Sirlene, Seu Vicente e Seu Luiz, pelo pronto atendimento de minhas necessidades burocráticas.

Aos Professores Luiz Fernando Dias Duarte, Mireya Suárez, Ellen F. Woortmann e Lúcio Castelo Branco pelas sugestões e incentivo ao meu trabalho.

Aos colegas da Katakumba pelo clima de amizade e de debates que tanto me ajudou neste trabalho, especialmente ao Júlio (revisão), ao Adolfo (abstract), à Juliana e ao Luiz Eugenio.

Aos amigos Eurico, José Carlos e Sergio por todo apoio nas horas difíceis.

Ao meu pai, que tanto me ajudou em meus estudos.

Ao Professor Luiz Tarlei de Aragão, pela valiosa orientação concedida na formulação deste trabalho.

Especialmente à minha querida Carol, que teve a paciência de me agüentar nas minhas crises, e por ter colaborado com suas sugestões para a realização deste trabalho.

*À memória de minha mãe.*

## *ÍNDICE.*

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>I - SIGNIFICADOS DO FUTEBOL NO BRASIL.....</b>	<b>7</b>
I.1 - O FUTEBOL COMO ESPORTE.....	8
<b>II - O FUTEBOL NO BRASIL.....</b>	<b>15</b>
II.1 - O FUTEBOL COMO JOGO.....	17
II.2 - O FUTEBOL COMO ESPETÁCULO.....	21
<b>III - UMA SIMBÓLICA DA NAÇÃO.....</b>	<b>31</b>
III.1 - A NAÇÃO CONSTRUÍDA VIA “FUTEBOL-ARTE”: AS RELAÇÕES RACIAIS NO FUTEBOL RASILEIRO.....	36
<b>IV - UMA SIMBÓLICA DA MASCULINIDADE.....</b>	<b>46</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>56</b>
<b>BIBLIOGRAFIA:.....</b>	<b>57</b>

## **INTRODUÇÃO.**

Esta dissertação procura compreender como alguns códigos demarcadores presentes no futebol permitem a criação de representações da nação no Brasil. Neste sentido, partimos do princípio de que, no Brasil, as representações da unidade nacional construídas pelo futebol estão baseadas em normas de gênero e de sexualidade, isoladamente, ou associadas às hierarquizações elaboradas pelas relações raciais. Através da definição do que vem a ser o futebol no Brasil e da análise de alguns de seus temas básicos, procuraremos entender de que forma os discursos construtores da imagem da nação são elaborados dentro do campo semântico da sexualidade e das relações de gênero e raciais.

Não é difícil perceber a importância do futebol, em nosso tempo, no Brasil e também em vários países onde ele é praticado como esporte nacional. Fritz Stemme, em seu artigo sobre a psicologia social do futebol, ressaltou que este "adquiriu função sócio-psicológica e histórica socialmente tão altamente desenvolvida que o processo não pode mais ser revertido. Futebol está integrado na sociedade através de todo o mundo" (STEMME, 1981, p.114). O futebol, da forma como está culturalmente inserido, não só no Brasil, mas em todos os países em que ele é praticado como "esporte de massas", é um fenômeno que propicia a efetiva experiência da vida em coletividade, experiência esta entusiasticamente compartilhada por grupos numerosos de pessoas. A simultaneidade proporcionada pelo televisionamento das partidas possibilita que o futebol (assim como alguns outros eventos esportivos) seja um dos fenômenos que tornam a globalização mais visível. Conforme demonstra Eric Dunning, os esportes tornaram-se, em tempos modernos, uma

"instituição central e muito valorizada, uma instituição que para muitas pessoas parece ter um significado religioso ou quase religioso, na medida em que se tornou uma das principais, senão a principal, fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas" (DUNNING, 1992A, p. 299).

Desta forma, com seu poder de dividir e unir ao mesmo tempo, o esporte (e o futebol) proporciona uma excitação agradável, duplicada de um forte poder de identificação coletiva, tornando-se também sentido de vida de muitas pessoas em todo o mundo, sendo, então, fenômeno de grande interesse antropológico.

Conforme DaMatta, a literatura disponível sobre o futebol no Brasil não deixa dúvidas de que tal esporte, do modo como é teorizado, discutido, vivido e praticado no Brasil, "seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir" (DAMATTA, 1982, p.21), reunindo valores tradicionais numa lógica universalista moderna. Ainda segundo DaMatta, as apreciações sobre futebol no Brasil são classificadas como discussões. Não se fala simplesmente de futebol. Discute-se, toma-se partido, fala-se de modo sério. Não se pode assumir uma atitude neutra quando se fala de futebol, mesmo para negar-lhe a importância. O pensamento e a falação esportiva, entre os adeptos do futebol no Brasil, também é marcada por um certo descompromisso, já que não se tem que intervir pessoalmente, posto que aquilo de que se fala está fora do alcance das pessoas comuns. Além disso, a discussão sobre futebol é também um evento socializador e um acontecimento social. Grande parte da

vida social de uma fatia considerável da população brasileira é preenchida, ou ao menos permeada pela "discussão futebolística". Da Matta ressalta que algumas dessas discussões "têm um caráter moral ou filosófico e dizem respeito não somente ao estado físico dos jogadores ou às condições do campo e equipamento utilizado, mas a problemas transcendentais, como a oposição entre o destino e a vontade individual; a divisão e a luta entre a dedicação e o treinamento e a sorte" (DAMATTA, 1982, p.29). Desta forma, as análises contidas nesta dissertação estão, em parte, baseadas em nossa própria experiência futebolística. Ou seja, por termos sido socializados em uma sociedade que elegeu o futebol como seu principal esporte, o que significa ter vivido o futebol, não só jogando nossas "peladas", mas também acompanhando suas repercussões como torcedores, seja pela imprensa, seja pelas nossas próprias "discussões futebolísticas", tornamo-nos aptos, de certa forma, a checar as referências e informações deste trabalho. A documentação para discussões é complementada por análises das representações populares formuladas pelos adeptos do futebol, conforme são veiculadas pela imprensa. Também algumas obras históricas, sociológicas e antropológicas são analisadas como fontes de representações acadêmicas do fenômeno futebolístico brasileiro.

Começaremos, nos dois primeiros capítulos, com uma análise dos possíveis significados do futebol no Brasil, conforme o entendem seus apreciadores e adeptos. Utilizando-nos criticamente das idéias de Norbert Elias, procuraremos entender, no primeiro capítulo, até que ponto o entendimento do futebol como esporte serviria, ou não, para a sua definição no âmbito brasileiro. No segundo capítulo, aprofundaremos a diferenciação proposta por DaMatta para o futebol entre esporte e jogo, ressaltando o maior peso desse seu segundo entendimento no Brasil, em relação ao primeiro, como também a menor importância de ambos frente o aspecto de espetáculo que o futebol assume em nosso país. No terceiro capítulo, analisaremos de que forma o futebol brasileiro permite a afirmação de uma identidade nacional essencializada e naturalizante, a partir dos códigos raciais. O quarto capítulo é dedicado à análise dos elementos de afirmação da masculinidade presentes no futebol. Ao final, tentaremos compreender como essas três noções - nação, masculinidade e raça - da forma como são elaboradas pelo futebol no Brasil, estão ligadas por relações de interdependência mútua, que reforçam mutuamente o apelo que cada uma possui individualmente.

Por fim, cabe salientar que as problematizações contidas neste trabalho naturalmente não esgotam o tema do futebol no Brasil, sendo apenas um recorte e uma visão dentre tantas outras possíveis, inclusive analisadas por nós, deste mesmo fenômeno. Este trabalho não pretende tornar o futebol a chave principal para a compreensão da sociedade brasileira. Entendemos que o que o futebol diz a respeito da nossa sociedade não deixa de ser desafiado pelo que outras afirmativas culturais dizem dela. Este trabalho aponta igualmente de forma crítica para alguns rumos "naturalizantes" seguidos por boa parte da literatura acadêmica especializada em futebol.

## ***I - SIGNIFICADOS DO FUTEBOL NO BRASIL.***

A parte inicial desta dissertação pretende entender o significado real do futebol no Brasil. A definição corrente do futebol é a de que seja um esporte. Porém, tão freqüente quanto a sua definição como esporte, são as referências às partidas de futebol (e de outros esportes) como jogos, ou seja, uma coisa diferente de esporte. Tal referência acontece, principalmente, nas línguas de origem latina, notadamente em português, espanhol e italiano. DaMatta já observou que existe uma diferença fundamental entre as denominações em inglês e em português para os jogos<sup>1</sup>. Porém, apesar do grande valor heurístico dessa diferenciação, estes dois entendimentos do futebol não esgotam o problema. Uma terceira dimensão do futebol, que pode ser observada tanto no seu entendimento como esporte, como no seu entendimento como jogo, é a dimensão do espetáculo. De fato, o futebol deve ser também definido como um espetáculo (esportivo, ritualístico, dramático etc), o que possibilita a sua apropriação cultural das mais diversas formas. O futebol é, portanto um esporte, um jogo e um espetáculo.

Passamos agora a analisar separadamente cada definição ou entendimento possível do fenômeno do futebol no Brasil, no que cada um contribui para a compreensão da totalidade do mesmo, e sua reversibilidade para a compreensão da totalidade nacional. Para isso, analisaremos primeiramente o significado esportivo do futebol no mundo, para no capítulo seguinte aprofundar-nos nos seus significados no Brasil.

---

<sup>1</sup> Sobre a diferença entre **to play** e **to gamble** e suas conseqüências para a compreensão do esporte ver DAMATTA, 1982, p. 25.

## **I.1 - O FUTEBOL COMO ESPORTE.**

Qualquer atividade que seja definida atualmente como esporte será valorizada principalmente por dois aspectos: pelo culto ao corpo e pelo seu caráter lúdico. O esporte é, efetivamente, uma atividade em que estas duas características se fazem presentes. Porém, isto nem sempre foi assim. Esta dupla valorização do esporte faz parte apenas de sua concepção ocidental moderna.

O futebol, como fenômeno recente, apareceu como signo do novo, do moderníssimo, ou seja, uma "atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária à sua sobrevivência num admirável mundo novo - esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização" (DAMATTA, 1994B, p.11).

Dentre os autores que estudaram o esporte como um constructo histórico destacam-se Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Eric Hobsbawm. Norbert Elias estudou o esporte pela perspectiva do "processo civilizador"<sup>2</sup>. Segundo Elias, o desenvolvimento e a sobrevivência do social, nas sociedades ocidentais, desde o século XVI, deu-se na direção de um crescente autocontrole individual, de forma a reprimir, também crescentemente, os impulsos libidinais, afetivos e emocionais mais espontâneos. Apesar de que isto seja verdade para a Europa - o que parece não assinalar todas as épocas ou países daquele continente, mesmo hoje em dia, as características deste processo civilizador de Elias parecem ser perfeitamente aplicáveis às mais diversas sociedades, e não somente à "civilização". Toda sociedade exige, para a sua sobrevivência, alguma dose de autocontrole de seus membros. O Direito e a moral, nas suas mais variadas manifestações, asseguram o despertar de algum autocontrole nos membros de qualquer sociedade. As coerções morais e jurídicas são sempre introjetadas nas personalidades da maioria dos indivíduos de qualquer sociedade, tornando-se autocontrole. Os europeus são, em alguns aspectos, menos controlados, nos mesmos termos de Elias, que indivíduos de outras sociedades. Neste sentido, a teoria de Elias assemelha-se a um eurocentrismo, ao excluir outros tipos de sociedades do rol das "autocontroladas", e por extensão das "civilizadas". A própria noção de autocontrole deve ser relativizada, não atribuindo-se às manifestações européias desta característica essencial da vida social um valor absoluto, superior ou como se fosse a última etapa de um suposto processo evolucionário, onde qualquer manifestação não-européia seria imediatamente considerada ancestral, "primitiva", inferior, ou no mínimo não-civilizada<sup>3</sup>. Além disso, a diminuição da violência física é acompanhada do aumento de outras formas de violência, bem como de várias formas de controle.

---

<sup>2</sup> As idéias gerais do evolucionismo romântico de Elias podem ser apreendidas na seguinte citação: "*Os modelos sociais de conduta e de sensibilidade, particularmente em alguns círculos das classes sociais altas, começam a transformar-se muito drasticamente, numa direção específica, desde o século XVI em diante. O domínio da conduta e da sensibilidade tornou-se mais rigoroso, mais diferenciado e abrangendo tudo, mas, também, mais regular, mais moderado e banindo quer excessos de autopunição quer de autocomplacência. A mudança encontrou a sua expressão num termo novo, lançado por Erasmo de Roterdã e utilizado em muitos outros países como símbolo de um novo refinamento das maneiras, o termo 'civilidade', que mais tarde deu origem ao verbo 'civilizar'. Investigações posteriores tornam provável que o processo de formação do Estado, e, em particular, a sujeição da classe guerreira a um controle mais severo, o agrupamento dos nobres em cortes nos países continentais, possuía algo de comum com a mudança verificada no código de sensibilidade e de conduta*" (ELIAS, 1992A, p.41). Elias formula seus pressupostos por um viés explicativo evolucionista de processos de desenvolvimentos complexos e com múltiplas causas. Sobre o "processo civilizador", ver, principalmente, ELIAS, 1994A e 1994B.

<sup>3</sup> É curioso notar que Elias parece basear-se na psicanálise, sem, no entanto, universalizar a Cultura, ou pelo menos algumas partes dela. Para a psicanálise, o esporte representa uma das conseqüências da repressão (ontológica e filogenética) necessária à produção cultural e inerente à possibilidade de existência de qualquer sociedade. Conforme Sandra Salomão Carvalho, "*para Freud, a civilização se instituiu através da inibição metódica dos instintos primários: primeiramente, a inibição da sexualidade* (ou a sua regulação com interditos e prescrições positivas) *dotou as relações grupais de um caráter duradouro, em seguida a repressão dos instintos destrutivos propiciou o domínio da natureza, do homem, e originou a moral individual e social. Este fato é imprescindível*



Elias, portanto, estudou o desenvolvimento do esporte demonstrando que as transformações dos códigos de conduta e de sensibilidade ocorridas em seu seio seguem a mesma direção desse "processo civilizador", destinado a disciplinar os corpos e cultivar os espíritos<sup>4</sup>. Com relação à Inglaterra, local do surgimento dos esportes modernos, Elias vai ressaltar que a pacificação das classes altas inglesas, via parlamentarização, propiciou o surgimento dos esportes, pela concomitante pacificação e regularização dos seus passatempos. Ou seja, "a 'parlamentarização' das classes inglesas que possuíam terras teve a sua contrapartida na 'desportivização' dos seus passatempos" (ELIAS, 1992A, p. 59). Não seria uma relação causal direta, apenas foram as mesmas pessoas que participaram de ambos os movimentos, existindo, inclusive, uma certa afinidade "espiritual" entre ambos, na conversão da violência física anterior em outros tipos de violência simbólica, através de disputas consentidas socialmente.

Além disso, o uso do esporte como símbolo de diferenciação social foi também muito importante para o seu desenvolvimento. O esporte, no seu surgimento, fazia parte do **ethos** de uma parte das classes dominantes. Neste sentido, Bourdieu percebia que,

"(...)o esporte ainda traz consigo a marca de suas origens: além da ideologia aristocrática do esporte como **atividade desinteressada e gratuita** (grifos nossos), perpetuada pelos tópicos rituais do discurso de celebração, e que contribui para mascarar a verdade de uma parte crescente das práticas esportivas, a prática de esportes como o tênis, a equitação, o iatismo, o golfe, deve sem dúvida uma parte de seu 'interesse', tanto nos dias de hoje quanto em sua origem, aos **lucros de distinção** que ela proporciona" (BOURDIEU, 1983, p. 143).

Nesta mesma passagem, um pouco mais adiante, Bourdieu refere-se novamente à existência destes "lucros distintivos" entre "as práticas distintas e distintivas, como os esportes 'chiques', e as práticas que se tornaram 'vulgares', devido à divulgação de vários esportes originalmente reservados à 'elite', como o futebol" (BOURDIEU, 1983, p. 143).

Voltando à Elias, o "esforço civilizador" implica em uma grande restrição à satisfação direta e imediata dos desejos dos indivíduos, impedindo que aflorem sentimentos e emoções, fazendo supor um desenvolvimento contínuo do autocontrole, e da sensibilidade perante a violência física (bem como o seu conseqüente controle, conforme veremos adiante). De início, deve-se ressaltar que este impedimento imposto aos indivíduos propicia o surgimento de um tipo muito específico de tensões. O **stress** provocado por essas dificuldades é, na maior parte das sociedades, compensado por algumas contramedidas, que podem ser observadas, no caso das sociedades mais "civilizadas", em diversas atividade de lazer, como por exemplo, nos esportes. Elias novamente mostra um ranço evolucionista nesta passagem, pois todas as sociedades, como dissemos anteriormente, exigem, em alguma medida, um autocontrole de seus membros, assim como

---

*à possibilidade de existência da civilização, já que dar vazão à estrutura instintual significa atender às necessidades a qualquer momento, de qualquer forma e integralmente, destruindo ou ignorando laços e conquistas" (CARVALHO, 1985, pp. 84-85). Note-se que o termo "civilização" é aqui utilizado num sentido muito mais amplo do que em Elias, significando antes o domínio cultural como um todo, ou seja a "civilização humana", do que apenas uma parte ou uma fração deste domínio.*

<sup>4</sup> "A transição dos passatempos a desportos, a 'desportivização', se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo do esforço civilizador" (ELIAS, 1992A, pp. 42-43). Bourdieu, ao definir a lógica específica do "campo esportivo", vai ao encontro de Elias, tentando compreender como alguns exercícios físicos pré-existentes transformaram-se em esportes (cf. BOURDIEU, 1983, pp 136 e ss). Ambos os autores concordam quanto à ruptura que houve entre os passatempos "ancestrais" e o esporte moderno.

alguma sensibilidade em relação à violência física. A noção de violência também não pode ser encarada como absoluta<sup>5</sup>. O que é considerado como violência varia no tempo e no espaço. De fato, alguns costumes europeus são considerados extremamente violentos por outras sociedades. Elias não percebeu que a violência física deve ser relativizada, e que mesmo esse **stress** provocado pela vida em sociedade não é exclusividade europeia. Além disso, as contramedidas compensatórias desse **stress** são observadas em todas as sociedades, não só nas atividades de lazer, mas também em várias outras esferas da vida social, que possibilitem algum tipo de catarse coletiva, como nas ações ritualísticas e religiosas, por exemplo. Religião e ritual podem ser entendidos como exemplos de como as mais diversas sociedades compensam o “**stress social**”.

O esporte, ainda segundo Elias, seria uma esfera da vida social destinada a contrabalançar as pressões e o **stress** provenientes do “esforço civilizador”:

"Muitas dessas ocupações de lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo, são então consideradas como meios de produzir um descontrolo de emoções agradável e controlado. Com frequência, elas oferecem (embora nem sempre) tensões miméticas agradáveis que conduzem a uma **excitação crescente** e a um clímax de sentimentos de **êxtase** (grifos nossos), com a ajuda dos quais a tensão pode ser resolvida com facilidade, como no caso de a sua equipe vencer uma prova desportiva. Nesta linha, as tensões miméticas das atividades de lazer e a excitação com elas relacionada, isenta de perigo ou de culpa, podem servir como um antídoto das tensões provenientes do **stress** que, no quadro da repressão global estável e harmoniosa característica das sociedades complexas, se verifica entre os indivíduos" (ELIAS, 1992A, p. 73).

O termo mimético, da forma como Elias o usa, refere-se ao quadro imaginário fornecido pelo esporte (e por outras atividades de lazer), destinado a autorizar a excitação. Isto acontece em função da representação de muitas situações da vida real, só que sem os seus perigos e riscos. Isto é o mesmo fenômeno que Geertz descreveu para os balineses, que afirmavam que “as brigas são como brincar com fogo, porém sem o risco de se queimar” (GEERTZ, 1989, p. 308). Não são propriamente as representações, mas as emoções que as atividades de lazer despertam, que refletem as que se experimentam na vida real, modificando-as para um sentido de prazer. É isto que dá, portanto, significação ao termo eliasiano “mimético”, e que se for desamarrado do “processo civilizador”, possui um grande potencial heurístico para os propósitos deste trabalho. A tensão mimética não é exclusiva dos jogos, passatempos, esportes ou rituais das sociedades “civilizadas”, podendo a sua ocorrência ser observada, conforme afirmamos anteriormente, em diversas atividades sociais de qualquer sociedade.

Como os sentimentos miméticos não oferecem, a princípio, os riscos e perigos que oferecem os sentimentos relacionados à vida real, as atividades miméticas, entre elas o

---

<sup>5</sup> Luiz Felipe B. N. Flores chama a atenção para a relação da disparidade existente na apropriação de significados de palavras, como *violência*, “ainda que as palavras sejam as mesmas, elas não se inserem necessariamente nas mesmas tradições culturais ou nas mesmas práticas de linguagem. A fusão reificante e a noção de definição única e exclusiva não são apenas uma afronta à compreensão antropológica da vida social; são elementos de fixação temporal dos fatos de linguagem porque fazem supor que as palavras sempre quiseram dizer uma coisa e, por consequência, sempre dirão a mesma coisa” (FLORES, 1995B, p. 9), o que parece se aplicar perfeitamente ao uso da palavra *violência* para Norbert Elias. Ainda segundo Flores, “Se investigarmos, ainda que panoramicamente, a história da palavra *violência* - ou a história das situações de *violência* - veremos que esta história começa ... com a própria história, ou, dito de outro modo, os mitos sobre a origem da sociedade - e isto não apenas no Ocidente - são frequentísimamente histórias em que a *violência* é tema, aspecto ou ponto-de-vista decisivo no enredo mítico.(...) A *violência* aparece variada e maciçamente como intrínseca à vida social. (...) Sem ela a vida social seria impensável, histórica e logicamente” (FLORES, 1995B, pp. 9-10).

esporte, não buscam atenuar as tensões, mas sim uma excitação relacionada a emoções que evitamos na vida cotidiana, tais como o medo, a angústia e a tristeza, de uma forma controlada, quando não claramente dirigida. Trata-se, portanto, de uma liberação de tensões que produz uma excitação agradável, proveniente de certo grau de ansiedade e de medo, o que pode ser entendido como um processo catártico. O medo e o prazer não são antagônicos na esfera das atividades miméticas, e nem é só o esporte a única forma de liberação de **stress** por excitação agradável que nossas sociedades possuem.

"De uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira de excitação agradável. (...) A agradável excitação que as pessoas experimentam em relação a fatos miméticos representa, deste modo, um enclave social onde a excitação pode ser desfrutada sem as suas perigosas implicações sociais e individuais, a qual muitas vezes é fruída a par de outras formas de aumentar o prazer" (ELIAS e DUNNING, 1992A, pp. 137-138).

Parece existir, portanto, nas atividades miméticas, uma fonte de ansiedade interior que é projetada para o mundo exterior, e a sua conseqüente substituição pela excitação. Desta forma, qualquer sociedade defronta-se, constantemente, com o problema de equilibrar o prazer com a sua restrição, sendo o esporte uma solução (não a única) para este problema.

A excitação experimentada com o esporte, como atividade mimética, vem acompanhada de uma ação desrotinizadora, que possibilita uma espécie de "compensação alusiva" ao **stress**, tanto para quem pratica, como para quem assiste. O esporte, neste sentido, representa uma interrupção moderada nas habituais restrições comportamentais. Conforme Dunning,

"(...) a necessidade de destruição da rotina é, por certo, na perspectiva social, um dado universal. Mas as sociedades urbanas e industriais altamente rotineiras e civilizadas são caracterizadas por pressões e formas de controle multipolares. De acordo com esta situação, os seus membros são forçados a exercer, de forma contínua, um elevado grau de restrição emocional na sua vida comum e na vida cotidiana, tendo, em conseqüência disso, a necessidade, que é particularmente intensa em tais sociedades, de atividades de lazer caracterizadas pela possibilidade de destruição da rotina, como são os desportos. Contudo, este processo de destruição da rotina, este despertar socialmente consentido de emoções em público, está sujeito a formas de controle de civilização. Isto é, o desporto é um enclave social quer para os espectadores quer para os jogadores, onde a excitação agradável pode ser produzida sob uma forma que é socialmente limitada e controlada" (DUNNING, 1992A, p. 323).

O esporte, desta forma, representa um enclave onde a agressão e a violência mútua é, até certo ponto, consentida socialmente. Dunning também não escapa do evolucionismo de

seu mestre Elias, apesar das ressalvas que faz. Todas as sociedades possuem formas de controles multipolares, não sendo isto um privilégio dos “civilizados”.

Deve-se ressaltar que a relação entre os aspectos que constituem a rotina da vida cotidiana e os enclaves de destruição de rotina, dá-se na forma de equilíbrio. O esporte por exemplo, deve controlar a ausência prazerosa de controle de sentimentos que ele próprio suscita. O jogador, pela identificação, funciona como o alter-ego de quem está torcendo, devendo, teoricamente, manter o seu autocontrole. O torcedor desfruta, desta forma, da agressividade e volta ao controle sem incorrer em risco. Neste sentido, o compartilhar dos sentimentos de triunfos esportivos indeniza, por alguns momentos, as privações cotidianas; a isto chamamos de “compensação alusiva” ao **stress**, que em nossas sociedades atuais é conseguida até mesmo dentro de casa. A transmissão simultânea e ao vivo para todas as partes do mundo das partidas de futebol pelo rádio e pela televisão permite que a tensão mimética eliasiana seja experimentada pelos torcedores televisivos, guardadas as devidas proporções.

De forma gradual, houve a transformação de antigos passatempos populares europeus (sem unificação de regras, onde apenas uma forma branda de autocontrole e a livre expressão de emoções eram manifestas) em esportes modernos, característicos das atividades surgidas no século XIX e neste que receberam este nome, ocorreu gradualmente. Qualquer atividade que possa ser atualmente classificada de esporte, desde o primeiro momento, foi uma competição de esforços humanos, onde procurou-se evitar, o quanto possível, ações violentas que pudessem ferir seriamente os competidores. O esporte, nas suas fases iniciais como fenômeno moderno, está, portanto, intimamente relacionado à ideologia da **Bildung**, que "ênfatizava a capacidade de autodesenvolvimento dos sujeitos, com a ampliação de seus horizontes interiores e o cumprimento de um finalismo endógeno, ou auto-teleologia" (DUARTE, 1994, p.2)<sup>6</sup>. É revelador, neste sentido, o que Elias chamou de complementaridade existente entre

"a excitação agradável controlada, proporcionada pelas lutas regulamentadas, com firmeza, de um desporto de lazer, e o bem moderado controle de emoções que se torna uma segunda natureza, uma característica quase inevitável do hábito social dos membros das sociedades mais complexas, em todas as atividades fora do lazer" (ELIAS, 1992A, pp. 93-94).

É nessa associação com a ideologia da **Bildung** onde se pode perceber mais um exemplo de auto-referência nos moldes que Dumont descreveu para a obra de arte na estética de Moritz<sup>7</sup>. Para Elias e Dunning, as partidas de futebol possuiriam, em grande parte, fins em si próprias: "A sua finalidade, se é que possuem alguma, consistiria em dar prazer às pessoas" (ELIAS e DUNNING, 1992D, p. 296), sendo desligadas do mundo do trabalho, do lucro e do controle. Bourdieu, conforme mencionado anteriormente, também chamou a atenção para o aspecto de auto-referência do esporte. De fato, o futebol possui seus próprios valores<sup>8</sup>, bem como suas próprias regras e normas, tempo e espaço, objetos e gestos, o que vai ao encontro de uma auto-referência.

---

<sup>6</sup> Ver também DUMONT, 1991B, e DILTHEY, 1959.

<sup>7</sup> Conforme Dumont, "*l'œuvre d'art (...) se suffit à elle-même. Si l'on veut, elle se complète par le plaisir désintéressé que j'y trouve. Autrement dit, (...) l'oeuvre d'art a sa fin en elle-même*" (DUMONT, 1991A, p.95).

<sup>8</sup> Os valores que menciono aqui são aqueles relacionados à definição “clássica” dos esportes, ou seja, o **fair-play** e a ênfase na competição (e não na vitória), conforme veremos adiante.

A passagem do esporte de sua fase em que predominava a ideologia da **Bildung**, ao seu modelo moderno, caracterizado pela crescente racionalização, sem perder totalmente, no entanto, essa ideologia, parece ser mediada pelo surgimento da ginástica. Bourdieu já se referia aos exercícios corporais das escolas, como possuidores de fins em si mesmos, uma "espécie de arte pela arte corporal". Haveria, segundo ele, uma afinidade entre as relações burguesas com a arte, com a linguagem e com o **corpo**:

"a ginástica faz um uso do corpo que, como o uso escolar da linguagem, é ele mesmo o seu fim. O que é adquirido na e pela experiência escolar, espécie de retiro do mundo e da prática, do qual os grandes internatos das escolas de 'elite' representam a forma acabada, é a inclinação à atividade para nada, dimensão fundamental do **ethos** das 'elites' burguesas que sempre se vangloriam de desinteresse e se definem pela distância eletiva - afirmada na arte e no esporte - em relação aos interesses materiais. O **fair play** é a maneira de jogar o jogo dos que não se deixam levar pelo jogo a ponto de esquecer que é um jogo, dos que sabem manter a distância em relação ao papel, (...) implícita em todos os papéis prometidos aos futuros dirigentes" (BOURDIEU, 1983, p. 139).

Para Bourdieu, os esportes estritamente higiênicos (e ascéticos por excelência), como a ginástica, a marcha ou a corrida, seriam atividades altamente racionais e racionalizadas, já que se reduzem a uma "espécie de treinamento pelo treinamento" (BOURDIEU, 1983, p. 151). Já Foucault percebeu na ginástica e no esporte um sentido de sujeição do corpo à uma "economia política do tempo livre", baseada nos "investimentos tecno-políticos" que estão presentes no exercício físico, e destinada a dominar e disciplinar o corpo (cf. FOUCAULT, 1986).

Uma segunda característica do desenvolvimento do esporte rumo a sua concepção moderna é a adoção de regras escritas destinadas a "civilizar" o esporte, ou seja, a controlar a violência expressa nele. O papel das **Public Schools** britânicas (como também dos seus correlatos continentais e norte-americanos) foi determinante nessa etapa. Tais escolas, reservadas para os filhos das famílias aristocráticas, transformaram alguns passatempos populares em exercícios corporais da elite, separando-os das ocasiões sociais ordinárias aos quais estavam ligados, e destituindo-os de suas funções sociais populares (às vezes religiosas).

Sevcenko, ao analisar o desenvolvimento do futebol na Inglaterra e a sua expansão para grande parte do mundo, associa tal processo à concomitante urbanização que acontecia nos lugares onde o futebol se difundiu, ressaltando que, na ideologia dominante da época, quanto mais cedo uma criança fosse exposta a estímulos de condicionamentos como o futebol, "tanto mais fundo e rapidamente eles irão se compor como um repertório inconsciente de reações automatizadas, que irá garantir o perfeito ajustamento deste ser humano às múltiplas contingências e solicitações físicas do ambiente urbano" (SEVCENKO, 1994, p.34). Ao fornecerem uma ocupação aos adolescentes ricos, as **Public Schools**, ao mesmo tempo, provia-os de um meio de formar o caráter. A participação das **Public Schools** inglesas no surgimento do esporte moderno é melhor compreendido nas suas justificativas ideológicas (principalmente a do esporte como campo de treino militar), e na necessidade de educação adequada para chefes militares e administradores coloniais, notadamente britânicos<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Sobre o desenvolvimento do esporte, ver ELIAS e DUNNING, 1992, principalmente caps 2, 3, 5 e 8.

O amadorismo no futebol europeu daquela época foi uma dimensão de uma filosofia aristocrática, que, apesar de torná-lo uma atividade tão desinteressada quanto, digamos, a arte, seria mais conveniente à formação de futuros líderes, devido aos seu aspecto de moldar o caráter e inculcar a vontade de vencer. Tudo isto conformando-se às regras, pelo **fair play**, "disposição cavaleiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço" (BOURDIEU, 1983, p. 140). Essa filosofia aristocrática estava de acordo com as exigências da época, dominada por uma moral burguesa da iniciativa privada, que pregava a "igualdade" de condições frente ao mercado, apesar das ações contrárias a essa filosofia imperarem. É neste sentido, quanto à aceitação universal das regras, que as **Public Schools** ocupam um papel de destaque, já que tais acordos seguiram lado a lado com o desenvolvimento de um órgão fiscalizador do cumprimento das mesmas. A crescente integração dotou o esporte de uma certa autonomia em relação ao seus praticantes, o que possibilitou que surgisse uma tendência racionalizante no seio do próprio esporte. A universalização das regras permitiu que as ações nos esportes se tornassem independentes do elemento psicológico individual. Conforme Bourdieu,

"a autonomização do campo das práticas esportivas também se acompanhou de um processo de **racionalização** destinado, segundo os termos de Weber, a assegurar a previsibilidade e a calculabilidade para além das diferenças e particularismos: a constituição de um corpo de regulamentos específicos e de um corpo de dirigentes especializados (governing bodies) recrutados, pelo menos em sua origem, entre os **old boys** das **Public Schools**, caminham par a par" (BOURDIEU, 1983, p.140).

A auto-administração e regulamentação, seja baseada na garantia estatal, seja numa tradição histórica, fornece o primeiro passo para a autonomização das práticas esportivas.

Hobsbawm foi outro que estudou o esporte inserindo-o no quadro das tradições inventadas em massa na Europa do final do século XIX e início do século XX. Sobre o esporte das classes altas e médias, Hobsbawm percebeu que

"as últimas três décadas do século XIX assinalam uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na institucionalização da maioria, em escala nacional e até internacional. (...) Tal institucionalização constituiu uma vitrina de exposição para o esporte, (...) e também um mecanismo para ampliar as atividades até então confinadas à aristocracia e à burguesia endinheirada capaz de assimilar o estilo de vida aristocrático, de modo a abranger uma fatia cada vez maior das 'classes médias'". (HOBSBAWM, 1984, p.306).

Hobsbawm ressalta que a adesão aristocrática ao esporte significava a entrada num "sistema de disputas formais contra antagonistas considerados à altura em termos sociais. (...) A institucionalização (do esporte) constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de **status** social equivalente" (HOBSBAWM, 1984, pp.305-307), bem como de sua diferenciação pública.

Estas seriam, em linhas gerais, as características presentes na definição do futebol como um esporte. Passamos agora a analisar as suas repercussões no entendimento do futebol no Brasil.

## II - O FUTEBOL NO BRASIL.

Chegado ao Brasil no final do século passado, o futebol foi inicialmente praticado somente por funcionários ingleses aqui estabelecidos, e pelos filhos de uma aristocracia urbana, que constantemente viajava à Europa, bem como mandava seus filhos lá estudarem. Para esta burguesia nacional, a introdução do futebol foi um processo de pacificação semelhante ao descrito anteriormente para a parlamentarização das classes altas inglesas e a "desportivização" de seus passatempos. O futebol também era utilizado por esses grupos como símbolo de distinção social. A introdução do futebol no Brasil compartilha do aspecto de "invenção de tradição" da sua gênese inglesa (Cf. HOBBSAWN, 1984). Convencionalmente, estabeleceu-se que o "pai" do futebol no Brasil, foi o brasileiro filho de ingleses Charles Müller, que teria chegado de uma temporada de estudo na Inglaterra em 1894, trazendo duas bolas e um manual contendo as regras e ensinando a prática do futebol. Porém, há estudos comprovando que antes de Charles Müller já existiam bolas de futebol no Brasil, além de também terem aqui ocorrido várias partidas entre 1874 e 1894<sup>1</sup>. Müller é uma tradição inventada que se perpetuou, como pode ser visto no troféu oferecido pelo maior conglomerado de comunicação do país, que recebe seu nome e que premia os melhores jogadores e treinadores do campeonato brasileiro, a cada ano.

No Brasil do início deste século, o futebol foi popularizando-se e institucionalizando-se, com as indústrias privadas participando ativamente deste processo, ao tentar assegurar um envolvimento contínuo e total da população operária, estimulando a prática de esportes, notadamente o futebol. Este aspecto foi semelhante ao que aconteceu, ainda no século anterior, com o futebol na Inglaterra,

"cuando en la década de 1860 las masas del proletariado industrial comenzaron a interesarse por él, numerosos empresarios ingleses fomentaron el nuevo deporte especialmente debido al hecho de que esperaban que mantendría a los obreros al margen de la actividad política dentro de sus organizaciones de clase" (VINNAI, 1974, p.111).

Porém, a popularização do futebol no Brasil foi acompanhada de uma outra significação simbólica, ideológica e socioeconômica. O futebol, segundo Fatima M. R. F. Antunes, "transformou-se em fenômeno social de grande importância, envolvendo uma complexa rede de relações sociais e de interesses, às vezes mais, às vezes menos divergentes" (ANTUNES, 1994, p.109)<sup>2</sup>. Desta forma, a popularização do futebol no Brasil foi acompanhada da sua institucionalização e profissionalização, o que permitia a sua prática por qualquer pessoa (homem) em qualquer recanto do país, como também a transformação em ídolos de jogadores que esperavam, "não somente uma ascensão social mas também um reconhecimento coletivo enquanto 'plenamente' brasileiros" (LOPES, 1994, p.66).

Vários países passaram, no século passado e no início deste, a exemplo do Brasil, por uma necessidade de mesmo tipo, surgida com a industrialização e urbanização, que foi satisfeita com o esporte, notadamente, o futebol.

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, SHIRTS, 1982B.

<sup>2</sup> A popularização do futebol no Brasil foi acompanhada por uma desanglicização dos seus termos e das suas expressões. Houve, por exemplo, uma transformação na denominação das partidas nesta direção que é de grande importância para os nossos propósitos. Conforme Herschmann e Lerner, "*enquanto (o futebol) era um 'jogo fino', a partida de futebol era chamada de meeting, um lazer portanto, que trazia consigo a idéia de reunião, de conagraçamento (...), sendo, na verdade, um esporte de exclusão dos extratos mais carentes da população. Quando, finalmente o futebol passa a ser praticado (...) pelo grande público, a partida (...) passa a ser chamada de racha (que traz consigo um sentido de divisão), sugerindo um lazer violento e desordeiro, que aliás não se harmonizava com o tão almejado cotidiano 'civilizado'*" (HERSCHMANN e LERNER, 1993, p.48).

As similaridades com a gênese inglesa talvez sejam explicadas pelo fato de que a Inglaterra do século XIX foi o primeiro país a passar pelo processo de industrialização, e os consequentes processos de urbanização e diferenciação de comportamentos, que demandavam uma organização do trabalho específica. Assim, como a maior parte dos países do mundo ocidental, incluindo o Brasil, importaram essas inovações inglesas, dado que a Inglaterra era o modelo, também as formas de ocupação do tempo livre foram importadas por estes países, destacando-se, dentre essas formas, os esportes, e dentre os esportes, o futebol foi o mais difundido <sup>3</sup>. Nenhum esporte gozou, em tempo algum, de tanta popularidade no Brasil como o futebol. Qualquer cidade brasileira, grande ou pequena, possui nos campos de futebol um referencial em sua paisagem. Além disso, a trajetória do futebol no Brasil produziu a necessidade da construção de grandes monumentos, os estádios, que juntamente com os campinhos espalhados pelas grandes e pequenas cidades, têm um papel fundamental do ponto de vista da identidade do grupo (a nação brasileira, como veremos adiante): são “monumentos da civilidade” brasileira. Mesmo as sociedades indígenas que sofreram o contato com a sociedade nacional elegeram o futebol como um dos aspectos culturais “civilizado” de mais ampla penetração.

Cabe notar que a introdução do futebol no Brasil foi englobada no discurso higienista e de regeneração da “raça brasileira”, espécie de ideologia da **Bildung** nacional, característicos do final do século passado e início deste. Dentre as personalidades que encararam a introdução do futebol por essa vertente destacam-se Monteiro Lobato, Coelho Neto, Olavo Bilac, Antônio de Alcântara Machado e Rui Barbosa <sup>4</sup>.

Porém, o futebol como atividade desinteressada no Brasil é característica apenas de sua prática como divertimento e lazer, à semelhança do que acontece nas partidas desinteressadas e amistosas comumente denominadas de “peladas”. Quanto à disposição cavalheiresca representada pelo **fair-play**, ela parece só ser atualmente encontrada nas regulamentações e premiações esportivas, organizadas ou patrocinadas por uma elite dirigente do futebol (organizado: amador e principalmente, profissional), que, afinal, sempre representou, e esteve representada, por membros das classes sociais mais abastadas. O entendimento do futebol como simplesmente um esporte, da forma como foi aqui definida, apesar de elucidar alguns aspectos de sua definição, mostra-se ineficiente, portanto, para a compreensão do seu significado para a imensa maioria dos seus adeptos no Brasil.

---

<sup>3</sup> Conforme Stemme, “o futebol rapidamente adotou o Império Britânico como espécie de infra-estrutura pronta para sua própria expansão mundial, e a Inglaterra exportou o jogo através e para além dos mares e ao longo das rotas comerciais do mundo, com viajantes ingleses praticando o jogo por onde passavam” (STEMME, 1981, p.109).

<sup>4</sup> Sobre a posição higienista no futebol ver BERTOLLI FILHO e MEIHY, 1982, pp 105 e ss.



## II.1 - O FUTEBOL COMO JOGO.

Uma outra forma de se pensar o futebol, não só no Brasil, é considerá-lo um jogo, o que permite que as noções de imponderabilidade, também de imprevisibilidade e de racionalização façam-se presentes. De fato, qualquer esporte é um tipo de jogo (cf. HUIZINGA, 1993, pp. 218-233). Um jogo de futebol é constituído por jogadores de duas equipes, numa relação inseparável de interdependência, **em movimento e transformação contínua**, o que impossibilita um conhecimento prévio das ações e dos resultados das partidas. As partidas de futebol situam-se numa “liminaridade virtual”. Além de ter que dominar a bola em movimento, o que pode ser ainda mais dificultado pelas más condições climáticas ou do campo, o jogador de futebol deve levar em conta as ações de seus companheiros de equipe, bem como a de seus adversários, o que é impossível de ser calculado. Os torcedores também vivem essa impossibilidade de previsão no decorrer de uma partida. Conforme Vogel: "quanto maior for a rivalidade entre dois times, ou seja quanto mais elevado seja o status dos oponentes, tanto mais fortes serão as **expectativas**, e, portanto as **torcidas** e as **emoções** do espetáculo" (VOGEL, 1982, p. 80).

O clima de suspense contínuo de uma partida de futebol faz com que a sorte, além da tática, da técnica e do ânimo (físico-moral), sejam incluídos nos atributos de uma equipe vencedora. É isto que permite que a religião e a magia sejam constantemente associadas à prática do futebol no Brasil. Segundo Shirts, "os fatores sorte/azar perpassam o futebol, apresentando uma visão do mundo em que a ordem se explica através do sobrenatural" (SHIRTS, 1982B, p.95). É muito comum, no Brasil, que jogadores, torcedores e dirigentes recorram à magia, e à religião para obterem sucesso. A própria popularidade do futebol no Brasil pode ser parcialmente explicada a partir de sua associação com a imprevisibilidade, e conseqüentemente, com o "mundo sobrenatural"<sup>5</sup>.

A concepção de futebol como jogo remete-nos também à idéia de jogos-de-azar. Com efeito, essas duas atividades estão intimamente relacionadas no fenômeno das loterias esportivas, onde o torcedor/apostador acredita que, ao unir futebol e loteria, o destino pode livrá-lo de todas as suas privações materiais. Segundo observaram Herschmann e Lerner, o futebol compartilharia de um mesmo universo simbólico que o jogo do bicho, o samba, a capoeira etc, que propiciaria uma identificação com particularidades nacionais. Deste modo, no Brasil, "o trabalho, a disciplina e a sobriedade - princípios do **ethos** e da 'prosperidade capitalista' - são colocados em segundo plano, e em seu lugar aposta-se em 'soluções' mágico-religiosas e 'malandras' que, paulatinamente, se traduziram no 'jeitinho brasileiro' e no apreço pelas loterias" (HERSCHMANN e LERNER, 1993, p.77), “conduta paradigmática” de boa parte da população brasileira<sup>6</sup>. Tal abordagem universalizante não pode ser aplicada a uma sociedade multicultural como o Brasil. O que é verdade para uma cidade, um estado ou uma região pode não o ser para outras. Além disso, esta visão reduz o futebol ao pitoresco tropical, ao malandrismo ou a uma questão de jeito, o que “naturaliza” a questão, conforme veremos mais adiante.

No Brasil, pelo jogo, a identidade nacional seria, segundo Herschmann e Lerner, contruída parcialmente pelo Estado, com a introdução de atividades lúdicas (como o futebol e as loterias) que fazem parte de um projeto modernizador (higienista, de controle e formação do "bom cidadão"), e parcialmente pela própria sociedade, que retraduz estas

<sup>5</sup> Sobre essa associação ver ROSENFELD, 1993, pp. 102-106).

<sup>6</sup> Ver também DAMATTA, 1979.

mesmas atividades lúdicas num universo mágico, que não passa pela visão utilitarista do Estado:

"estes jogos (futebol e loterias) foram se configurando ao longo deste século não só como um meio de exercitar os valores e códigos sociais da ordem burguesa emergente como também se constituíram em linhas de fuga e resistência. Várias eram as razões que impeliam estes indivíduos às atividades lúdicas. Se, por um lado, havia a busca de prazer, por outro (...) (havia) a possibilidade de viver, sentir e apostar em 'situações' que a dinâmica das relações modernas (que se construía naquele momento) não permitia" (HERSCHMANN e LERNER, 1993, p.23).

Elias também chamou a atenção para o fato de que as apostas sobre as partidas ajudam a criar o **ethos** moderno do esporte, ao forçar a igualdade dos competidores perante as regras<sup>7</sup>. A dimensão do jogo, portanto, caracterizaria não somente o futebol no Brasil, como também qualquer esporte moderno, pois um outro aspecto necessário, que vai permeá-los até os dias atuais, é a sua crescente racionalização. Ou seja, cada vez mais, joga-se seriamente, joga-se para ganhar. Esta racionalização pode ser percebida também no âmbito das regras esportivas, que, além de seguirem a referida linha de limitação da violência, também interferem ao propiciar excitação e emoções. Por ora, bastará demonstrar a racionalização por um outro ângulo específico: o da institucionalização e profissionalização do futebol, como também a transformação dos clubes pelo **marketing**.

Bourdieu chamou a atenção para que o esporte, à semelhança da música, goza de uma constante evolução de produção, devido ao alargamento do público apreciador para além de seus praticantes, o que reforçaria o "reino dos profissionais" (cf. BOURDIEU, 1983, pp. 144-145). Estabelece-se, desta forma, uma separação entre os profissionais e os leigos. Assim, a ética desportiva amadorística, representada pela máxima do **fair play**, vem perdendo espaço para o "princípio operante" do "importante é vencer", propiciada pela profissionalização dos esportes<sup>8</sup>. A própria pressão social sobre os atletas no sentido de lutarem pelo êxito nas competições nacionais e internacionais, inclusive com a interferência do Estado, parece ser um fator a estimular a profissionalização e a conseqüente racionalização dos esportes<sup>9</sup>. O público se tornou mais exigente, e suas expectativas podem ser explicadas pelo fato de que a carreira esportiva representa uma das poucas vias de ascensão social para as classes menos favorecidas, o que se harmoniza com as exigências da profissionalização, além de ser uma possível abertura para a carreira política. Conforme Guedes,

"A possibilidade difusa de mobilidade social e as condições materiais de existência que a restringem, aliadas ao caráter de 'esporte nacional' assumido pelo futebol no Brasil - é, sem dúvida parte daquilo que Marcel Mauss chamou de 'técnicas do corpo' socializadoras dos homens - permite que alguns indivíduos particularmente

---

<sup>7</sup> Talvez o entendimento do futebol como jogo principalmente em línguas latinas, esteja associado ao fato de as loterias serem mais frequentes nos países que têm, como língua oficial, uma destas línguas. Umberto Eco acha que a dimensão do acaso, independente da intervenção do sujeito, contida em alguns jogos (como o futebol e as loterias no Brasil) facilita a sua aceitação junto aos povos latinos. Ver ECO, 1989, pp.274-276.

<sup>8</sup> Hobsbawm percebia uma "rígida separação entre o amadorismo, o critério do esporte entre as camadas superiores, e o profissionalismo, seu corolário lógico entre as classes baixas urbanas e operárias" (HOBSBAWM, 1984, p.314).

<sup>9</sup> A participação do Estado pode ser observada, no caso do Brasil, desde a construção de estádios e campos oficiais feita predominantemente pela iniciativa estatal, até o financiamento de atletas para competições internacionais, bem como na busca de recursos para os esportes.

habilidosos ampliem seu campo de possibilidades e tentem ascender por esse caminho" (GUEDES, 1982, p.74)<sup>10</sup>.

A crescente seriedade verificada no esporte a partir de sua profissionalização, também já era notada por Elias, quando afirmava que

"as atividades desportivas realizadas por não profissionais mostram, inevitavelmente, um nível de técnica inferior ao que é realizado por profissionais nessas modalidades. Por outro lado, o desporto realizado com fins profissionais pode ser desprovido de alegria para aqueles que o praticam; pode estar sujeito ao mesmo tipo de constrangimento que conhecem outras atividades profissionais. E, assim, pode resultar num nível de perfeição que dificilmente poderá ser alcançado por pessoas que se dedicam às atividades desportivas no seu tempo de lazer e apenas por prazer." (ELIAS, 1992A, p.99).

De fato, existem estudos <sup>11</sup> que demonstram que um jogador de futebol percorre, em uma partida, uma distância aproximada de 17 km, entre partidas, mudanças de direção, freadas súbitas, saltos etc, que requerem uma preparação física sistemática que só é obtida ao máximo com o treinamento profissional, sob um exclusivismo pragmático. Isto permite que o corpo humano seja, desta forma, submetido à razão científica, em busca da maximização de um padrão de produtividade.

A racionalização do esporte também pode ser observada na busca de resultados positivos e de recordes. Ou seja, medição de resultados quantitativos, esquecendo-se de seus aspectos qualitativos. No futebol, por exemplo, a meta à qual todos os envolvidos com uma equipe se submetem, é a ponta da tabela de classificação, ou seja, um número maior de pontos que as outras equipes, a partir de seus resultados nas partidas, de modo a chegar ao final de um campeonato com esse número maior de pontos (de uma forma geral), e conquistar o título de "Campeão". Conforme Vogel, "na dimensão sincrônica os contendores são iguais. Diacronicamente, porém, essa igualdade pode não existir" (VOGEL, 1982, p. 80), dependendo do desenvolvimento dos times no campeonato. Isto é de suma importância, pois de acordo com Matthew G. Shirts, "a memória histórica esportiva oficial dificilmente se apaga; apresentada em forma de 'títulos conquistados', 'gols marcados' etc, mantém-se presente" (SHIRTS, 1982A, p.68). Desta forma, os valores da torcida estão sempre permeados pela busca do triunfo. No caso do Brasil, para uma torcida, "a vitória de seu time, que se transmite para o grupo inteiro, significa um triunfo coletivo, um incremento da honra e do poder e, ao mesmo tempo, uma revelação do curso feliz das coisas" (ROSENFELD, 1993, p.102).

Por isso, o futebol também é influenciado, em larga medida, por fatores extra-campo, ou seja, os resultados das partidas dependem não só do que acontece dentro de campo. A manipulação dos resultados, por exemplo, com o pagamento de subornos a árbitros e jogadores faz parte da história do futebol no Brasil e no mundo. Qualquer jogo, aliás, não escapa da possibilidade da fraude.

O processo de racionalização presente no futebol fez com que, de um período heróico e amador se passasse para um onde a profissionalização exigisse dedicação exclusiva dos jogadores, e por fim, de alguns anos para cá, ocorresse uma organização

---

<sup>10</sup>Essa tensão entre o espírito amador e a crescente seriedade do esporte também não é apenas um fenômeno do passado, como pode ser comprovado, segundo Dunning, pela história recente do **rugby**. Ver DUNNING, 1992 -A, pp 298 e ss.

<sup>11</sup> Ver VINNAI, 1974, pg 125 e ss.

empresarial dos clubes, com a regulamentação profissional do esporte, o aprimoramento técnico e físico, mediante novas tecnologias, e nos novos esquemas táticos, construindo-se o corpo do jogador como um todo. Recentemente, a fórmula do “clube-empresa”, com um forte apelo de **marketing**, onde os jogadores atuam como garotos-propaganda, serve como paradigma para o sucesso financeiro no futebol profissional.

Portanto, o futebol, como qualquer esporte moderno, é também um jogo, ou seja, algo que é disputado seriamente, onde a busca da vitória é levada às últimas conseqüências. Joga-se para ganhar, e não somente para competir. O futebol no Brasil é mais um jogo do que um esporte. É assim que boa parte do fenômeno do futebol no Brasil, principalmente o futebol profissional ou competitivo em geral, pode ser entendido. Porém, existem diversos aspectos do futebol que apontam para outros entendimentos e outras compreensões do seu significado no Brasil, como veremos a seguir.

## II.2 - O FUTEBOL COMO ESPETÁCULO.

Além de esporte e jogo, o futebol é também, em grande medida, um espetáculo, como passamos a analisar. O caráter de imprevisibilidade do jogo parece ser acentuado, no futebol, pelo fato dele ser praticado, predominantemente, com os pés. No Brasil, por exemplo, o senso comum já imortalizou a máxima de que "o futebol é uma caixinha de surpresas", demonstrando que este esporte é percebido como um **locus** de improvisação e do acaso.

O corpo humano também é um aparato físico e simbólico, e o uso legítimo do corpo, nos esportes, é peça fundamental de suas regras. No caso do **football**, as regras, bem como o próprio nome do jogo são bem claros: deve-se, preferencialmente, impulsionar a bola com os pés. Isto, por si só é muito significativo, pois qualquer esporte oferece-nos a chance de passarmos de "um código ideológico para um código visual, auditivo, tátil, corporal, e de odores, totalizando a própria experiência humana" (DA MATTA, 1982, p.14).

O esporte propicia um desafio para o corpo humano - contra o tempo, o espaço e contra outros corpos - que produz, eventualmente, "a mais profunda emoção estética" (DAMATTA, 1994B, p.15). Segundo Bourdieu, as disposições em relação aos esportes, sendo "uma dimensão de uma relação particular com o próprio corpo, inscrevem-se na unidade do sistema de disposições, o **habitus**, que está na origem dos estilos de vida" (BOURDIEU, 1982, p.148).

O futebol é jogado justamente com as partes menos eficientes, do ponto de vista físico. Quadris, cintura, pernas, pés, tronco e até a cabeça. Somente mãos e braços ficam de fora da prática deste esporte (exceção feita aos goleiros dentro de sua área, e às cobranças de lateral). Justamente as partes da anatomia humana que mais nos contrapõem às outras espécies animais.

O uso adequado das mãos é alvo constante do processo de aprendizagem e/ou educacional de qualquer sociedade. Os pés e as pernas só são objeto de aprendizagem quando se ensinam as crianças a andar corretamente, ou seja, a adquirirem equilíbrio em movimento. Isto é revelador para os nossos propósitos, pois na espécie humana o aprendido é tão ou mais importante que o não-aprendido. Por exemplo, a quase totalidade dos exemplos de Norbert Elias, de transformações dos hábitos corporais, no processo civilizador, quando não dizem respeito a formas de alimentar-se, ou de como proceder com as excreções corporais, referem-se ao uso adequado das mãos. Os pés só são indiretamente "elaborados", nas referências ao "modo correto de andar" (ou de marchar). Aliás, o uso adequado de qualquer coisa remete-nos à interferência manual, representada pelo verbo "manusear". Por outro lado, dos pés e das pernas, pressupõe-se que todos, pelo menos os sem limitação físico-moral, e com idade suficiente para isto, possam andar, e se necessário, correr. No futebol, os pés devem, além de fornecer o equilíbrio em movimento, controlar a bola, o que o torna um esporte difícil de ser praticado com precisão e destreza<sup>12</sup>. Por isso, o caráter da imprevisibilidade do futebol se acentua, em relação aos outros esportes, dado que os pés são mais lentos e imprecisos que as mãos. Além disso, as mãos não fazem aquilo que os pés sempre estão realizando quando estamos eretos: fornecendo o equilíbrio. É

---

<sup>12</sup> Segundo Sevcenko, as "mãos são os membros mais versáteis, o que os torna extremamente rápidos e decididos em reflexos instantâneos. No futebol, a inevitável imprecisão e maior lentidão do uso dos pés ampliam enormemente os papéis do acaso, do senso de oportunidade, dos deslocamentos e do sentido de conjunto" (SEVCENKO, 1994, pp.35-36).

justamente pelo fato de andarmos sobre os pés que as mãos ficam livres para executar uma múltipla gama de tarefas, entre elas praticar esportes que não o futebol <sup>13</sup>.

Pelo fato de ser praticado com os pés, portanto, o futebol

"engendra imprecisão tática, exige uma grande qualidade técnica dos jogadores e faz com que o jogo decorra num ritmo de altas improbabilidades, mesmo quando um time muito superior joga com um time notavelmente inferior. Jogado com os pés, o futebol fica menos previsível, o que faz com que nele se insinuem as idéias de sorte, destino, predestinação e vitória" (DAMATTA, 1994B, p. 16).

DaMatta também notou que o recurso à "intervenção sobrenatural" é frequente no futebol, o que não acontece com os esportes onde as mãos predominam, mesmo no Brasil. O jogo com os pés, portanto, confere um tom de imponderabilidade ao futebol, o que explicaria, em parte, a sua "religiosidade", a sua popularidade e a sua dimensão de espetáculo.

Isto pode ser comprovado a partir do envolvimento emocional que jogadores e torcedores experimentam no futebol, provocado, além de outros motivos, pelo fato de que as principais partes do corpo humano com as quais é lícita a prática do futebol - os pés e as pernas- estão localizadas na metade inferior do corpo, que é considerada, na cosmologia ocidental, a mais instintiva, ligada ao "nosso hemisfério irracional e primitivo" (DAMATTA, 1994A, p.14). Os processos inconscientes e vegetativos do ser humano, como os relacionados aos intestinos, e às excreções fecal e urinária, bem como os órgãos da reprodução e do prazer, que dramatizam, na cultura ocidental, o que deve ser reprimido, estão localizados abaixo da cintura, "esse Equador simbólico do mundo ocidental" (DAMATTA, 1994A, p.13). No Brasil, isto é ressaltado, como se pode comprovar pelo elaborado simbolismo aplicado a estas partes do corpo humano. Em oposição a isto, as partes do corpo localizadas acima da cintura, como por exemplo o coração, a cabeça e a boca, são representantes da consciência, da fala e da ingestão, e estão ligadas à razão, à civilidade, ao controle e ao legal <sup>14</sup>.

Isolando-se na oposição acima, os braços e mãos, de um lado, e as pernas e os pés de outro, pode-se fazer um paralelo com a oposição existente entre a mão direita e a esquerda, baseando-se em autores como Robert Hertz e Serge Tcherkézoff.<sup>15</sup> Marcel Mauss, aliás, já chamava a atenção para o fato de que todas as escolhas sociais de princípios de movimentos podem ser estudadas a partir das reflexões de Hertz (cf. MAUSS, 1974B, p. 221). Neste sentido, logo de início coloca-se uma questão central: a maior dignidade atribuída aos membros superiores é inata, ou seja, tem uma causação na própria natureza do corpo humano, ou é atribuída socialmente? Por mais que os fatos da anatomia humana apontem para a primeira resposta, acredito que a oposição entre membros superiores e inferiores goza de uma dupla causação, pois que esta oposição é

---

<sup>13</sup> Conforme DaMatta, "nos EUA, a versão triunfante do velho **football** é uma variante que se joga com as mãos, o que permite uma altíssima precisão tática e técnica, mas diminui drasticamente as interferências do acaso quando a qualidade dos times em confronto é muito desigual. Assim, esportes praticados com as mãos exigiriam mais igualdade entre os times, o que - diga-se de passagem - seria coerente com sociedades fascinadas pela racionalidade científica, pela impessoalidade, pela especialização e com um sistema democrático consolidado" (DAMATTA, 1994B, p.16).

<sup>14</sup> É curioso notar que, conforme Bakthin, os órgãos e processos relacionados à metade inferior do corpo correspondem às partes postas em destaque pelo "modo grotesco de representação do corpo", característico das representações da Idade Média. O código de regras do futebol faz com que o corpo humano seja elaborado a partir desses mesmos órgãos e processos. Ver BAKTHIN, 1987, pp. 276-278. Cabe a pergunta se haveria alguma relação entre os dois fenômenos. Talvez a origem medieval do futebol aponte para uma resposta. Uma reflexão mais profunda sobre isso torna-se necessária, sendo, porém, uma meta que extrapola os objetivos deste trabalho.

<sup>15</sup> Ver Hertz, 1980 e THERKÉZOFF, 1983.

hierarquicamente construída (superior X inferior), a exemplo do que acontece com a oposição entre as mãos direita e esquerda (cf. THERKÉZOFF, 1983, pp.127-146)<sup>16</sup>.

É certo que a habilidade desigual dos membros superiores e inferiores vem de uma causa anatômica e fisiológica. A função e a forma externa dos membros são diferentes, incompatíveis e ligadas a naturezas contrárias. Desde de que algum proto-homem aprendeu a andar ereto, isto é, ficou com o tronco na posição vertical sobre seus membros inferiores, estes foram perdendo qualquer outro tipo de função que porventura possuísem, ficando confinados basicamente à função de andar e fornecer equilíbrio ao corpo ao deixá-lo numa posição ereta. Por outro lado, os membros superiores foram liberados de qualquer função locomotora, propiciando que o Homem expressasse suas aquisições de cultura principalmente através deles. Neste sentido, os pés parecem receber cultura das mãos. Porém, as grandes vantagens físicas possuídas por estes últimos exigem uma diferenciação qualitativa, culturalmente construída. É o que propicia a associação dos membros superiores com as qualidades "nobres" do ser (corpo) humano, o que leva a supor, como Hertz, que "a assimetria orgânica no homem é ao mesmo tempo um fato e um ideal. (...) Se a assimetria corporal não existisse, ela teria que ser inventada" (HERTZ, 1980, pp. 104-109).

Desta forma, a concepção do **homo duplex**<sup>17</sup> parece encontrar reflexos na construção do corpo humano, pelo menos na cultura ocidental. De fato, Hertz notou uma associação da mão esquerda com as partes do corpo "abaixo do umbigo". Esta associação, na nossa opinião, vai além do que o mencionado. Talvez, a oposição principal seja a dos membros enquanto superiores e inferiores, e a polaridade esquerda/direita parece ser um reflexo, ou uma continuação desta oposição primordial. Os membros superiores são os que recebem "as honras, as designações lisonjeiras, as prerrogativas", enquanto os membros inferiores são desprezados e reduzidos ao papel de meros auxiliares. As mãos (e braços) agem, tomam e ordenam, enquanto que os pés (e pernas) apenas ajudam e apóiam.

Acompanhando Hertz, a superioridade natural de mãos e braços é acompanhada por uma "privilegio instituído pelos homens", pois essa superioridade, para se tornar produtiva, demanda exercícios e treinamentos contínuos, sendo imposta pela coerção e garantida por sanções, o que demonstra seu caráter de instituição social. De fato, apesar dos pés possuírem habilidade (não muita) para executar algumas das tarefas das mãos (pegar, empurrar etc), não é comum dar-se a permissão para que um indivíduo assim proceda com eles. Na nossa sociedade, uma parte da socialização da criança é dispensada à proibição de "mexer nas coisas com o pé", sendo um sinal de educação assim não proceder.

A posição ereta, associada a outros aspectos humanos físico-morais, é o que identifica e diferencia o homem das outras espécies animais. O ser humano é simbolizado e imaginado ereto, ou seja, "em pé" (ao menos o ser humano vivo e saudável). As mãos e os braços estão numa posição acima, num corpo ereto, da posição de pernas e pés. Este fato propiciou que os membros aqui aludidos fossem classificados e designados como superiores e inferiores. Desta forma, percebe-se que tal definição do corpo humano é permeada pela visão do **homo duplex**, pois a oposição alto/baixo faz parte da tabela de

---

<sup>16</sup> Hertz viu a relação entre as mãos como uma oposição baseada em polaridades religiosas (sagrado X profano), o que Tcherkézoff atualizou, ao mostrar o contraste entre "*l'opposition binaire et l'opposition hiérarchique. La symétrie et la complémentarité caractérisent la première formule, l'asymétrie et la différence de niveaux définissent la seconde. (...) Dans la logique hiérarchique, diviser en deux est nécessairement un acte asymétrique; ici, la définition d'un tout est affaire de relation*". (TCHERKÉZOFF, 1983, pp. 127-130). Hertz percebeu a hierarquia mas Tcherkézoff, baseando-se em Dumont, é que dá uma formulação explícita para a mesma.

<sup>17</sup> Sobre esta concepção ver MAUSS, 1974A.

contrários que os pitagóricos acreditavam equilibrar-se e constituir o universo (cf. MAUSS, 1974A).

Enquanto referência a regiões no espaço, as idéias de alto e baixo estão respectivamente relacionadas: ao "mundo de cima", ao céu, constantemente referido em várias cosmologias como morada dos deuses; e à terra, ao mundo subterrâneo, simbolizado como domínio das trevas e dos demônios. Além disso, as noções de superior e inferior só fazem sentido numa relação hierárquica, o que explica, portanto, porque mãos e braços estejam relacionados às nossas atividades e funções físico-morais mais nobres, enquanto pés e pernas pertencem ao domínio das propriedades humanas (animais) que devem ser (e são) evitadas e reprimidas pela cultura burguesa no ocidente. Outra observação a ser feita a partir de Hertz, é que são as mãos que participam com destaque numa luta, batalha ou guerra. São elas que atacam e/ou defendem, com os pés apenas apoiando. Isto é muito significativo para a representação "guerreira" do futebol, pois é aí que os pés assumem lugar de destaque, revertendo este quadro ocidental de representações dos membros<sup>18</sup>.

As mãos e os braços são, portanto, membros duplamente superiores: não só por estarem num posição acima das pernas e pés, quando o corpo está ereto, mas também porque são muito mais socializados que estes últimos. Isto vale também, segundo Rosenfeld, para o arremesso de uma bola, onde, se for feito com as mãos, não possui a conotação de agressividade que os pés lhe impõem (cf. ROSENFELD, 1993, pp. 93-94). Essa perspectiva ajuda a explicar a popularidade do futebol no mundo (é o esporte mais difundido e praticado), pois ele é um dos únicos esportes onde os pés e as pernas possuem a chance de se exercitarem e treinarem, possibilitando e exigindo habilidade e destreza de membros que, ordinariamente, apenas possibilitam o andar ereto. Lévi-Strauss, ao referir-se à clássica obra de Marcel Mauss sobre as "técnicas corporais", advertiu que o domínio do esporte é um dos únicos onde há o exercício e a aplicação dos meios corporais (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 4). Existe no e com o futebol uma inversão dos valores que regem a construção do corpo.<sup>19</sup> No nível da temporalidade especial do futebol, os valores imputados às partes do corpo são inversos na temporalidade cotidiana. O futebol, portanto, engendra imprecisão e imprevisibilidade, pois liberta membros que são alvo de um rígido controle cultural hierarquicamente submetidos e "inferiores". Este é um dos fatores que faz do futebol algo notável, uma coisa insólita para ser assistida e vivida, ou seja: um espetáculo. Além de esporte e jogo, o futebol é, principalmente, um espetáculo no Brasil.

De fato, o futebol profissional é um tipo de produção televisiva onde há um grande investimento de capital, e um efetivo aprimoramento técnico do produto, tendo cativo um mercado mundial de grandes proporções. O futebol também pertence ao mundo do **Show Business**. Como a mensagem perpassada pelo futebol utiliza símbolos que dizem respeito não só aos brasileiros, mas também a pessoas de todo o mundo, o **merchandising** via TV

---

<sup>18</sup> Um outro exemplo da utilização dos estudos de Hertz e Tcherkézoff colocando o futebol como objeto de análise, pode ser percebido na própria oposição esquerdo/direito aplicada ao uso dos pés. O futebol parece fazer parte da ordem das atividades, tal como a indústria e a arte, onde "os diferentes papéis da direita e da esquerda são considerados inteiramente ligados a causas físicas e utilitárias" (HERTZ, 1980, p.119). Isto pode ser percebido no fato de que existem pelo menos três posições dos jogadores que devem ser preenchidas, preferencialmente por canhotos: o "meia-esquerda", o "lateral esquerdo" e o "ponta esquerda". Estas posições, por utilizarem predominantemente a parte esquerda do campo, demandam o uso do pé esquerdo para que a bola seja passada para outro jogador, a partir de sua esquerda, com maior ângulo, e portanto, maior possibilidades de jogadas, do que se fosse feito com o pé direito. Além disso, os canhotos são valorizados por possuírem uma facilidade maior para serem ambidestros, e pela própria aura de mistério que os envolve, conforme Hertz assinalou. Designações como "canhota de ouro" e figuras como Gerson, Rivelino e Maradona demonstram isso. Ver HERTZ, 1980, pp. 99-127.

<sup>19</sup> Conforme a "analyse par niveaux" proposta por Tcherkézoff, "Des valeurs différentes organisent des niveaux symboliques hiérarchisés. La hiérarchie institue un rapport nouveau: une tension apparaît dans cet écart, qui s'exprime par des dichotomies successives où la netteté de la hiérarchie peut s'affaiblir, où l'assymétrie peut s'inverser, où des combinaisons avec d'autres oppositions peuvent apparaître. La considération des niveaux intervient. L'inversion, loin d'être une contradiction (...) devient opératoire et signale un changement de niveau" (TCHERKÉZOFF, 1983, pp. 6-9).



tem uma função fundamental, pois o futebol, enquanto **bem simbólico**, anuncia subliminarmente outros bens, além de vender sua audiência a produtores de espetáculos de massa. Por estar também inserido na “lógica do mercado”, não é à toa que o esporte, e o futebol, tenham surgido e se desenvolvido paralelamente ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa <sup>20</sup>.

No futebol profissional, o público está diretamente vinculado aos seus ídolos, pois as partidas de futebol "apresentam uma infinidade de possibilidades para identificação de personalidade e a projeção de características pessoais, isto é, facilita a satisfação de necessidades emocionais" (STEMME, 1981, p.114) <sup>21</sup>. À semelhança do meio musical e televisivo em geral, no futebol também há a promoção de ídolos, graças à sua presença constante, via imagem e som, tornando-os familiares e íntimos, o que é incentivado por outros meios de comunicação de massa, que fornecem informações sobre suas vidas pessoais. Segundo Luiz Felipe B. N. Flores, existe também uma identificação de grande parte do público com a história individual dos atletas, especialmente dos setores sociais menos privilegiados, que fornecem a maioria dos jogadores (cf. FLORES, 1982, pp. 45-49). Como as avaliações dos desempenhos no futebol são individuais, o individualismo e o personalismo são fundamentais no futebol, o que propicia a promoção de heróis e ídolos.

Se o futebol é, portanto, lazer e profissão, isso só acontece em função de sua dimensão de espetáculo. Os jogadores profissionais e amadores, que representem alguma coletividade quando jogam futebol, são os sujeitos e atores do espetáculo, ou seja, eles são os participantes diretos; enquanto os torcedores, via identificação obtida com os jogadores, tornam-se também sujeitos simbólicos do espetáculo, ou dele participam indiretamente. Da mesma forma, os jogadores de “peladas” são sujeitos de seu próprio espetáculo. Há que se destacar, ainda, a relação dialética (no sentido clássico) entre o jogador em ação, o espectador (no estádio) e, hoje em dia, principalmente o telespectador.

É esta dimensão de espetáculo, conforme definida até aqui, que permite que o futebol seja apropriado culturalmente, transmitindo mensagens a seus participantes a partir da sua dimensão ritualística, e dos dramas nela “encenados”, conforme veremos a seguir.

Lévi-Strauss, em **O Pensamento Selvagem**, chamou a atenção para o fato de que no jogo a igualdade inicial dos competidores transforma-se em uma disjunção no final, com a diferenciação efetuando-se entre vencedor e vencido. Oposto a isso estaria, segundo Lévi-Strauss, o ritual, que pressupõe uma diferenciação e uma assimetria no início, que se transforma em conjunção ao final. Para Lévi-Strauss, todo jogo se define pelas suas regras, que são universalmente aceitas, por praticantes e assistentes, e tornam possível um número ilimitado de combinações nas partidas; "mas o rito, que também se 'joga', parece mais com uma partida privilegiada, retida entre todas as possíveis, pois apenas ela resulta em um certo tipo de equilíbrio entre os dois campos" (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.46). Contrariando Lévi-Strauss, acreditamos que estas duas atividades humanas - rito e jogo - não sejam excludentes, podendo aparecer num mesmo fenômeno, no caso, o futebol. De fato, este esporte é um jogo ritualizado, pois entendendo-o como um espetáculo, fazem-se presentes

---

<sup>20</sup>A popularidade do futebol no Brasil foi propiciada pelas transmissões radiofônicas (início na década de 1930), e televisivas (início na década de 60) das partidas, pois que esses meios de comunicação de massa elegeram, desde os seus inícios, o futebol como assunto privilegiado, o que acontece ainda, e principalmente, hoje. O futebol tornou-se um esporte “virtual”, pois a maioria dos seus espectadores acompanham as partidas pela TV ou pelo rádio.

<sup>21</sup>Conforme Ronaldo Helal, “*um fenômeno de massa não consegue se sustentar sem a presença de ‘heróis’, ‘estrelas’, ‘ídolos’. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, país e nação, seus anseios, temores e sonhos de uma forma gloriosa, frequentemente sobrepujando os limites da condição humana. Sem ‘ídolos’, ‘heróis’ e ‘estrelas’ não há futebol como uma forma cultural singular da sociedade brasileira*” (HELAL, 1994, p. 64), como também de qualquer outra sociedade.

não só os aspectos já descritos de seu entendimento como jogo, como também outros aspectos característicos dos rituais.

Neste sentido, a proposta desta seção não é só analisar os aspectos ritualísticos do futebol, mas também a sua face dramática, pois conforme afirmou DaMatta, apoiando-se em Víctor Turner e Max Gluckman, drama e rito são as duas faces de uma mesma moeda: "sem drama não há rito" (DAMATTA, 1982, p.21). É desta forma que entendemos o espetáculo do futebol: como um conjunto de "ritualizações dramáticas", ou "dramatizações ritualizadas", que permitem, no caso do Brasil, saber o que a sociedade brasileira pensa e fala, dentre outras coisas sobre a nação, conforme veremos mais adiante.

O futebol é um espetáculo coletivo que se torna ritualístico ao identificar os espectadores com o drama que se desenrola em campo. O "drama" do futebol está inserido num grande teatro de arena (o campo), em que os jogadores, ao desempenharem seu papel, tornam-se atores com os quais o público se identifica ritualmente. Ao se identificar com os jogadores no ritual dramático, o público sente que eles realizam proezas nas partidas, que o gratificam profundamente, pois tal realização de proezas não é feita pelos jogadores somente para eles próprios, mas também para o público. As proezas dos jogadores, além de serem espetaculares para ser vistas, são concretamente compartilhadas e usufruídas pelo público, consolidando vínculos de identidade com grande carga afetiva. Existem, portanto "participantes diretos e indiretos do jogo de futebol" (GUEDES, 1977, p.29)<sup>22</sup>, porém todos subsumidos, ritualmente, pela virtualidade espetacular do jogo.

"O público, no futebol, é um assistente do jogo. Espectador e participante, suas emoções e sua razão se voltam para a semântica social da disputa" (VOGEL, 1982, p. 112). Daí, não ser à toa que o espectador de futebol, no Brasil, seja chamado de torcedor, isto é, alguém que torce. Parece ter sido Anatol Rosenfeld quem primeiro atentou para as conotações disto:

"O verbo 'torcer' significa 'virar, dobrar, encaracolar, entortar' etc. O substantivo 'torcedor' designa, portanto, a condição daquele que, fazendo figa por um time, torce quase todos os membros, na apaixonada esperança de sua vitória. Com isso reproduz-se muito plasticamente a participação do espectador que 'co-atua' motoramente, de forma intensa, como se pudesse contribuir, com sua conduta aflita, para o sucesso de sua equipe, o que ele, enquanto torcida - como massa de fanáticos que berram -, realmente faz" (ROSENFELD, 1993, p.94)<sup>23</sup>.

Qualquer espetáculo requer testemunhas - no caso os torcedores - para legitimar-se e tornar-se completo.

As partidas de futebol dão-se a intervalos regulares, e dentro de prazos pré-estabelecidos. Em verdade, porém,

---

<sup>22</sup>Conforme Sandra S. Carvalho, "tanto aquele que pratica o esporte, obtendo um corpo físico padrão, quanto aquele que aplaude e incentiva o atleta, querem significar como processo uma mesma estrutura e um único conteúdo: valorizam e perseguem as mesmas coisas. (...) Seriam, numa expressão comum, os 'adeptos'" (CARVALHO, 1985, p. 79).

<sup>23</sup> Vários autores, além de Rosenfeld, ressaltaram este fato em suas obras sobre futebol. Assim, para DaMatta, "a expressão (torcedor), derivada do verbo torcer, indica a idéia de revirar-se, retorcer-se, volver-se sobre si mesmo, como quem estivesse sendo submetido a um torneio físico ou tortura" (DA MATTA, 1982, p. 26). Isto, segundo DaMatta, permite que o torcedor seja um ator ativo de um espetáculo em espaço aberto. A mesma idéia aparece em LOPES, 1994, p.83 n.49. Para Nicolau Sevcenko, a idéia de "torcer" permite que o corpo do torcedor seja uma "caixa de ressonância, reproduzindo e ampliando cada movimento, gesto, esforço, violência ou façanha desempenhada no campo diante de si, de tal maneira que esse efeito de ampliação realizado pelo seu corpo retorne e multiplique as energias dos times no campo" (SEVCENKO, 1994, p.36). Acrescentaríamos que o telespectador também é um torcedor ativo.

"o 'jogo' nunca termina. O esporte continua na repetição e sucessão de torneios e campeonatos, e o público permanece fiel a seu esporte favorito. A última partida de um campeonato parece ser mais uma situação liminar entre ciclos de disputa não diferentes no fundamental" (FLORES, 1982, p.48), não marcando um fim absoluto<sup>24</sup>.

Existe, portanto, toda uma mobilização de afetos, emoções e atitudes que corresponde a expectativas criadas pela repetição contínua do próprio evento futebolístico, o que se acentua se o "time do coração" está jogando. Por não ter um fim absoluto, o futebol reforça o apelo identitário que se baseia na mobilização de afetos. As partidas caracterizam-se por pertencerem a campeonatos diferentes, que podem ser disputados simultaneamente, de forma que, às vezes, uma mesma equipe pode estar disputando dois, e, mais raramente, três campeonatos diferentes. Nenhum torcedor assiste a todas as partidas de sua equipe, mas nem assim deixa-se de sentir-se e imaginar-se torcedor. Desta forma, identidades individuais e coletivas no Brasil são também construídas pelo futebol. Neste sentido, Roberto Da Matta, por exemplo, ressalta as enormes possibilidades do futebol e do esporte serem vistos como

"uma imensa tela onde a experiência humana pode ser vivida, e, o que é melhor, recordada e mesmo revivida.(...) Não é, pois, por acaso, que o futebol permite uma série de interessantes discussões sobre a ideologia ou a concepção de mundo brasileiras, transcendendo o mero noticiário dos jornais e televisão" (DAMATTA, 1982, p.14).

Umberto Eco também viu no futebol, e em outros esportes e jogos, um momento onde uma cultura pode se reconhecer (cf. ECO, 1989, p. 282). De fato, vários aspectos da vida cultural de uma sociedade podem ser observados na prática de seu "esporte nacional".

O futebol é um espetáculo quase que totalmente ritualizado, pois o triunfo futebolístico, bem como o seu oposto - a derrota, exigem reafirmações constantes. Além disso, em última instância, o futebol exige uma separação da realidade cotidiana, posto que a conduta agressiva que ele engendra não pode ser tolerada cotidianamente. Existe ainda, no futebol, a idéia de tempo cíclico, pois ele mostra o "mundo" heterogêneo como uma "realidade momentânea homogênea" (DAMATTA, 1982, p.29)<sup>25</sup>. Essa idéia de tempo cíclico que está presente no futebol faz com que a sucessão de seus torneios tornem-se verdadeiros calendários nas sociedades de massas. Assim, o futebol acaba por ser uma "região" separada das rotinas diárias, mesmo para o torcedor televisivo, permitindo que tudo aquilo definido pelo drama seja delimitado temporal e espacialmente, e "essa demarcação das ações dramáticas faz com que se possam controlar as repercussões sociais que porventura venham a ocorrer dentro do espaço social onde o drama se realiza" (DAMATTA, 1982, p.30). São nessas condições que o futebol pode proporcionar a "tensão mimética" descrita por Elias, conforme mostramos na primeira parte deste trabalho.

A complexa ritualização do futebol também é percebida em vários de seus aspectos: saudações, trocas de "flâmulas", hinos, uniformes, cores das torcidas, **slogans** e coros, etc.

---

<sup>24</sup> Isto explicaria porque torcedores (e clubes) prezam tanto títulos irrepetíveis ou muito raros, que "*representam uma transgressão - previsível e legal - à estrutura repetitiva, contínua, sucessiva das temporadas de disputa*" (FLORES, 1982, pp. 48-49).

<sup>25</sup> Apesar disso, o futebol "*é uma das coisas que nos ajuda a preservar o senso de tempo histórico. Por um mínimo, oferece continuidade à vida pessoal do torcedor que se devota ao mesmo clube desde a infância à vida adulta*" (LEVER, 1983, p. 33).

No futebol profissional, as relações entre os vários tipos de preparações dos jogadores e a disputa das partidas também podem ser entendidas como um complexo sistema de ritos de passagem. De fato, Soares assinalou que a concentração, e os treinos nela realizados, correspondem às etapas de separação e liminaridade dos ritos de passagem, dado que há um "afastamento dos jogadores das tentações e dos perigos da vida cotidiana" (SOARES, 1979, p.3). Na concentração, os jogadores são submetidos a um controle físico-moral, que rompe momentaneamente todos os seus laços sociais: familiares, de amizade e sexuais. A seguir, há uma homogeneização dos jogadores, que permite "igualar os elementos do grupo, distinguir o grupo dos outros grupos que compõe a sociedade e diferenciar o jogador da pessoa, ocupante de um lugar na estrutura social" (SOARES, 1979, p. 11). Isto acontece pela utilização dos indiferenciados "agasalhos" e uniformes de treino <sup>26</sup>. O clima homogeneizante permanece nos vestiários dos estádios em dias de partida, dada que a diferenciação de funções é vista nos uniformes oficiais em "uma escala numérica limitada, a qual, por natureza, antes de distinguir, homogeneiza" (SOARES, 1979, p. 5).

Segundo Soares, a liminaridade é parcialmente rompida no momento de assinatura da súmula e da entrada em campo, com as saudações da torcida, e a execução de hinos e hasteamento de bandeiras, se houver. Os jogadores, porém, permanecem em um estado de liminaridade durante a partida, como pode ser observado pela delimitação de um espaço onde o jogo possui significação, em oposição ao **caos** que está fora das quatro linhas. Qualquer contato com o exterior, bem como o livre trânsito são interditados aos jogadores. A mediação com o exterior é feita, predominantemente, pelos gandulas<sup>27</sup>, frequentemente crianças, ou seja, seres mais adequados para a relação entre dois universos distintos, devido à sua socialização incompleta. O renascimento e a reagregação social começa com a troca de camisas, permitindo o câmbio dos papéis e a mistura das funções dos jogadores, e vai se completar com a saída do estádio, "à paisana", e com a eventual comemoração da vitória por jogadores e torcedores (como quando se conquista uma vitória ou um campeonato). Nesta perspectiva, os jogadores e os árbitros são os oficiantes do "ritual futebolístico", e os torcedores seriam os fiéis (leigos). Isso porque, como o futebol além de jogo é um esporte, ou seja, uma atividade onde o importante (também) é competir, os jogadores acabam por não se diferenciar em perdedores e vencedores, pois são todos igualmente profissionais do futebol, sob este ponto de vista, como também os torcedores se igualariam enquanto torcedores. Portanto, além de jogo, por ser esporte, o futebol é também um espetáculo ritualizado.

Conforme dissemos anteriormente, o drama que o rito, em parte, contém, possui a capacidade de revelar relações, valores e ideologias de uma cultura, e são vários os dramas que o futebol circunscreve no Brasil, e que para serem compreendidos, basta conhecer suas regras (o que é mais frequente entre os indivíduos do sexo masculino, conforme veremos mais adiante). O espaço do jogo é delimitado, e previamente determinado: o campo. As regras, as funções de jogadores e técnico, e o tempo de uma partida também são pré-determinados, sem que o público seja elemento definidor em sua formulação. A duração da partida obedece a um tempo "rígido", gerido pelo árbitro, "sendo o intervalo entre os dois tempos também demarcado. Após o intervalo, os campos são trocados, mas o 'campo' continua sendo o mesmo" (FLORES, 1982, p. 48). A partida de futebol é, portanto, "limitada pelo tempo, pelas regras, pelas possibilidades físicas, táticas e estilísticas"

---

<sup>26</sup> Exceção feita à diferenciação, nos uniformes de treino, entre titulares e reservas e dos goleiros.

<sup>27</sup> A mediação com o exterior também é realizada pelos gritos dos técnicos e pelos "macários", médicos e massagistas, além de os "feridos" poderem ser retirados do campo para atendimento.

(DAMATTA, 1982, pp. 15), sendo que o atleta, não só no futebol, mas em qualquer esporte, tem que atuar contra o tempo, o espaço, e contra outros corpos.

O futebol também requer uma noção de domínio territorial, já que o campo é dividido pela metade, cada uma pertencendo a cada equipe durante metade do tempo da partida, devendo as equipes defenderem suas "posses", o que é definido em função da pertinência da bola<sup>28</sup>. As dimensões do campo podem variar num limite definido, mas as do gol são invariáveis. Assim, o sucesso é associado ao avanço e à conquista territorial, pois "à medida que o ataque afunila em direção ao gol diminuem dramaticamente o espaço e o tempo" (PRADO, 1994A, p.24). Cada equipe deve proteger o seu próprio gol, e evitar que ele corra perigo<sup>29</sup>. Também um conceito implícito complementar de hospitalidade parece estar associado ao domínio territorial, pois, conforme Soares,

"quando o atacante sofre alguma violência dentro da área do time contrário, o juiz deve puni-la com 'penalty', a mais perigosa das punições, talvez porque se a grande área aguça a idéia de posse territorial, sublinha, igualmente, a noção de hospitalidade, e a quebra das regras nesta região significaria transgressão mais grave" (SOARES, 1979, p.14).

"O jogo começa pelo nivelamento dos atores diante da ação dramática" (VOGEL, 1982, p.80). O placar é de 0 X 0 e define-se a saída de bola, e os lados (iniciais) do campo por sorteio. "O objetivo maior de um time de futebol é o desequilíbrio, ou seja, a vantagem em números de gols, que propicia a vitória" (FLORES, 1982, p.54), aspiração máxima de jogadores e torcedores. Um gol sempre altera uma situação anterior. Os gols também são, conforme veremos mais adiante, o momento de maior envolvimento da torcida com o espetáculo. Eles são o símbolo da conquista de uma batalha mimética (ou de uma conquista sexual)<sup>30</sup>. O espetáculo do futebol é, portanto, "um sistema que tem suas regras, objetos, cenários, personagens, tempo e espaço e contém um conjunto de relações específicas" (DAMATTA, 1982, pp.15-16).

Participar direta ou indiretamente de uma partida de futebol é, para o brasileiro, o equivalente da briga de galos para o balinês: um jogo profundo, absorvente. Trata-se de uma espécie de educação sentimental, ou seja, a utilização da emoção para fins cognitivos (cf. GEERTZ, 1989, p. 317). O que quer que o futebol, ou a briga de galos diga para o brasileiro, e para o balinês, respectivamente, ele (ou ela) o faz "num vocabulário de sentimento - a excitação do risco, o desespero da derrota, o prazer do triunfo" (GEERTZ, 1989, p. 317). São essas emoções, que aparecem simplificada e nestes jogos, que constroem a sociedade e que reúnem os indivíduos.

<sup>28</sup> Conforme Guedes, a bola é "o elemento que no decorrer do jogo, materializa a vantagem que possibilita a cada indivíduo conduzir-se na direção que queira, isto é, na direção que interessa ao seu time" (GUEDES, 1977, p.26).

<sup>29</sup> Aqui podemos perceber a utilização de normas de gênero e sexualidade na proteção ao gol, pois que este é simbolizado como um corpo feminino (familiar) que deve ser protegido. Analisaremos esta representação detalhadamente mais adiante.

<sup>30</sup> Cabe notar que, como diz o ditado, o jogo "só acaba quando termina", ou seja, apesar de significar uma "conquista absolutamente integral do campo adversário, um ultrapassamento de todas as suas tentativas de conquistar a bola, uma superioridade, enfim, em suas capacidades grupais ou individuais", o gol "não significa a conquista total ou definitiva. Cada gol concretiza-se numa contagem numérica que será definitiva quando (...) terminar a partida" (GUEDES, 1977, p. 26).

Passamos agora a analisar a representação da nação propiciada pelo futebol brasileiro, para em seguida compreender como tal representação é construída no campo semântico das relações raciais e das relações de gênero e da construção da masculinidade no Brasil.

### III - UMA SIMBÓLICA DA NAÇÃO.

Uma elaboração simbólica permitida pelo futebol no Brasil acontece em relação à construção da imagem ideal da Nação. O fenômeno das torcidas de futebol, ou seja do conjunto de torcedores de cada equipe, pode ser compreendido, nos termos de Benedict Anderson, como uma **comunidade imaginada**, o que parece ser o mais apropriado para o seu entendimento seja em nível de clubes, seja em nível de cidades, regional, ou, principalmente, nacional <sup>1</sup>. Além disso, o futebol também pode ser entendido como um “espaço transnacional”, pois, conforme Janet Lever,

“pequenas cidades, até mesmo áreas rurais, estão ligadas entre si e às grandes cidades pelos campeonatos estaduais e regionais. As cidades principais estão unidas em ligas nacionais e são lembradas umas das outras em competições regulares. As nações que praticam os mesmos esportes são atraídas a relacionamentos entre si através de federações continentais e internacionais, que promovem competições entre seleções nacionais; os sentimentos nacionalistas são avivados, ao mesmo tempo em que as pessoas se unem numa cultura popular global. (...) O esporte oferece uma estrutura comum de referências, significados e regras, que transcendem as barreiras culturais, políticas e de linguagem. (...) O futebol, como o principal esporte mundial, fixou uma base para a comunidade global, ao promover um conhecimento comum, símbolos partilhados e comunicação entre pessoas de nações diferentes. (...) As competições internacionais simultaneamente reforçam o etnocentrismo e unem as nações numa cultura popular global” (LEVER, 1983, pp. 30-47).

No Brasil, a filiação futebolística constitui-se num dado tão importante quanto a família e a comunidade de origem ou religiosa. Somos "livres", desde crianças, para escolher nosso time, mas, paradoxalmente, essa escolha geralmente depende tanto da família, quanto do grupo de amigos da criança. Desta forma, o futebol ao transmitir valores como a lealdade absoluta a um time, torna-se um poderoso operador classificatório, de funcionamento semelhante a um operador totêmico, segmentando a sociedade em "coletividades individualizadas e compactas" (DAMATTA, 1982, p.29)<sup>2</sup>. O sistema classificatório futebolístico tende a ser inclusivo, formando grupos por identidade contrastiva. A identidade de uma torcida surge por oposição, não se afirmando isoladamente.

---

<sup>1</sup>Conforme Ronaldo Helal, “uma nação é também uma construção cultural,(...) uma ‘comunidade imaginada’, amarrada a símbolos, rituais e práticas que unem a população em celebrações periódicas com um forte sentido de coletividade. Os esportes de massa modernos possuem um papel importante na formação e reforço deste sentido de coletividade, de nação, de um ‘nós’, que se situa acima e além das consciências individuais de cada um” (HELAL, 1994, p. 61).

<sup>2</sup> Isto se daria por ser “mais fácil investir a paixão numa equipe, e portanto num clube, que perduram, do que num indivíduo, a quem é dado apenas um curto tempo de rendimento máximo. O torcedor de futebol identifica-se, apesar de todos os ídolos individuais, com um clube, com uma instituição, que simboliza alguma coisa, sem, na maioria dos casos, ser membro dele” (ROSENFELD, 1993, pp. 95-96). Acrescentaríamos a torcida pelas equipes de colégios, de bairros, de cidades ou de qualquer outra “instituição” que represente uma coletividade, pois “o ato de ‘ser’ um time ou de torcer por ele, ou ainda, de pertencer a uma coletividade esportiva, é um instante necessário e saudável do sentimento de inclusão a uma comunidade e a manifestação simbólica da integração e da participação na dinâmica da sociedade maior” (MURAD, 1995, p. 113). “Os sentimentos das pessoas em relação a suas comunidades são mais fortes quando se sentem ameaçadas por estrangeiros, mesmo que simbolicamente, através dos desafios do esporte” (LEVER, 1983, p. 34).

No futebol brasileiro, as torcidas das equipes possuem características de (micro-)nações, sendo freqüentemente assim denominadas nas representações populares <sup>3</sup>. Neste sentido, seguindo as indicações de Benedict Anderson, as torcidas das equipes de futebol são **limitadas**, pois também existem outras, além das “fronteiras clubísticas”, de bairros, de cidades, de municípios, de Estados, de regiões ou de Nações. Isto significa que as torcidas de futebol, onde quer que apareçam, serão sempre **relacionais** com a identidade do torcedor derivando da definição em relação a um outro. As torcidas são também **imaginadas**. Um torcedor de futebol não se encontra, ouve ou interage com todos os outros membros da torcida da qual faz parte, nem com os integrantes da equipe de sua preferência, mas **imagina-os** como pertencendo a uma mesma coletividade, uma mesma comunhão. Por fim, as torcidas são **comunidades**, pois são concebidas como uma profunda e horizontal camaradagem, apesar das diferenças existentes dentro delas. As torcidas são compostas por indivíduos de diferentes níveis cultural e sócio-econômico, de diferentes regiões, com graus de envolvimento emocional e material diferentes, e assim por diante. No entanto, elas não deixam de ser concebidas como uma unidade ou uma totalidade única em si próprias. Apesar de as torcidas de futebol serem “micro-nações” desterritorializadas, até um conceito implícito de **soberania** faz-se presente entre as torcidas, só que de uma forma virtual. Se definirmos soberania como a propriedade de fazer valer um conjunto de “leis” específico dentro de um determinado território, também encontraremos soberania no âmbito das torcidas de futebol. Isso em função da própria virtualidade que são os territórios de cada torcida. De certo, cada torcida possui um código de regras que vigora em tempos específicos e/ou em determinados espaços considerados exclusivos de cada uma. Neste sentido, o virtual território de uma torcida materializa-se, em primeiro lugar, na própria sede do clube ao qual está vinculada, de modo permanente. Em segundo lugar, conforme seja dia de jogo da equipe, em determinados bairros e/ou cidades, que passam a ser considerados zonas exclusivas de uma determinada torcida<sup>4</sup>. Por fim, também em dias de jogos, as torcidas ficam separadas nos estádios, reproduzindo a divisão territorial que o próprio jogo estabelece dentro de campo.

A opção por ver as torcidas de futebol como comunidades imaginadas leva-nos a um distanciamento crítico em relação a boa parte dos autores até agora utilizados. Se até então nos utilizamos, sobretudo quanto ao futebol brasileiro, em diversos autores nacionais que tratavam do tema, passamos agora a adotar uma posição diversa de vários desses autores, principalmente por procurarmos por “universais” mais modestos no futebol, relacionados à nação, e não os relacionados à Cultura Brasileira como um todo, como diversos autores o fazem. Porém, esse nosso recorte possibilita a utilização destes mesmos autores no que tange o tema da nação, encarando-os como fonte de representações acadêmicas desse fenômeno. Isto pois, alguns dos intelectuais que estudaram o futebol no Brasil muitas vezes acabam por (re)afirmarem a nacionalidade, ao tentarem definir a “cultura brasileira” pelo futebol. Ao estabelecerem um padrão analítico que tenta reunir a multiculturalidade do Brasil em modelos explicativos universalistas, onde a comunidade imaginada do futebol brasileiro apareceria com o destaque dessa comunhão cultural, estes

---

<sup>3</sup> Expressões como “nação alvi-negra”, “nação corintiana”, “nação rubro-negra” etc são exemplos disto. Tais “micro-nações” são criadas e identificam-se em oposição umas às outras, sendo que as alianças e inimizades entre elas dependem da combinação entre as rivalidades históricas e a situação atual no campeonato. Conforme Toledo, “o futebol funda uma sociabilidade assentada em um jogo de diferenças e oposições (...) ele recria a cada jogo ou partida diferenças simbólicas entre torcedores” (TOLEDO, 1996, p. 104). Além disso, os escudos, bandeiras e cores dos clubes são verdadeiros ícones sagrados nacionais, símbolos das nações modernas, conforme Hobsbawm, associados “com ocasiões rituais altamente direcionadas e atos de veneração” (HOBSBAWM, 1990, p.87).

<sup>4</sup> Sobre esta divisão ver TOLEDO, 1996, pp.39-45.



intelectuais tornam-se pensadores da nação no e pelo futebol, pois a unidade imaginada no mesmo não é uma unidade cultural, e sim nacional. É a nação, e não a cultura, que é definida como uma comunidade imaginada, e que também é vivenciada e experimentada como apenas uma parte da Cultura e da vida do povo brasileiro. Não se pode definir o que é o povo pelo futebol. Porém, podem-se perceber aspectos relacionados à nação no futebol.

Neste sentido, conforme Vidal e Souza mostra em relação a algumas “ficções históricas” de construção da nação, também no futebol

“os pensadores da Nação normalmente formulam suas interpretações próprias da história de sua constituição, bem como traçam os perfis humanos físicos e ‘psico-sociais’ de suas populações. As modalidades de construção do texto são múltiplas, mas em sua maioria organizadas em estilo literário ou ensaístico - sociológico ou histórico. De qualquer modo, estruturam explicações que contêm intenções normativas, desde que estão informadas pelo objetivo maior de pensar o que é a nação. Isto é, revelam escritores atuando na condição de cidadãos” (VIDAL E SOUZA, 1993, p. 10).

Alguns estudiosos do futebol no Brasil constroem também ficções da nacionalidade, ao torná-lo paradigma de uma “Cultura Brasileira”. Alguns desses estudos tornam-se explicações hegemônicas ou dominantes, e são apropriados pelo senso comum na autodefinição do futebol nacional. Não queremos com isto desmerecer todo o caminho já percorrido nos estudos sobre o futebol brasileiro. Pelo contrário, tentamos resgatá-los como grandes expositores da nação via futebol, pois podemos entender estes estudos como projetos para a nação, e toda nação é também um projeto.

O futebol no Brasil está carregado de valores sociais que fazem com que este esporte esteja apto a integrar amplas parcelas da sociedade brasileira, via identificação nacional. Trata-se de um fenômeno social onde uma grande parte da população brasileira, sobretudo masculina, pratica e/ou assiste regularmente partidas de futebol. Isto pois, além de ser um esporte que pode ser praticado (precarosamente) com o mínimo de condições materiais, o futebol goza de um tratamento privilegiado por parte dos meios de comunicação de massa <sup>5</sup>, o que faz com que ele seja praticado e assistido em todo país, tornando-se uma das principais manifestações coletivas do país. A imprevisibilidade contida no uso dos pés faz com que o jogador de futebol não tenha que possuir nenhuma característica física especial, correspondendo, segundo Sevcenko, "ao padrão físico médio (sic) da sociedade a que ele pertence, o que favorece ainda mais a identificação do torcedor com o jogador" (SEVCENKO, 1994, p.36) <sup>6</sup>. Porém, essa não necessária aptidão física só se aplica àquele que pratica futebol por lazer. O atleta profissional deve possuir sim algumas características físicas especiais, sendo que de algum tempo para cá, o corpo do jogador passou a ser “construído” por novas tecnologias a fim de se adequar a um padrão.

Gerhard Vinnai chamou a atenção para a associação, na Alemanha, entre o movimento ginástico e a preparação para a guerra, prenúncio do que viria a acontecer com

---

<sup>5</sup> Além da transmissão regular das partidas pela TV e pelo rádio, os principais meios de comunicação de massa possuem, em sua parte jornalística, seções especializadas em esporte, onde o futebol é o principal assunto. Jornais, rádio e televisão contam com a popularidade deste esporte em nosso país, dedicando-lhe um espaço cativo que, em muitas ocasiões, assume uma importância maior, para o público, que os demais assuntos.

<sup>6</sup>Conforme Nelson Rodrigues, "*não há um brasileiro, vivo ou morto, que não tenha na sua biografia uma velha pelada*" (**Utopia fatal** in RODRIGUES, 1994, p. 130).

o esporte <sup>7</sup>. Segundo Vinnai, os dirigentes burgueses do esporte, durante a república de Weimar, chamavam a guerra de "el más hermoso de los deportes" (VINNAI, 1974, p.132). De fato, o esporte pressupõe a existência de formas de conflito, que por sua vez engendram interdependência e cooperação, o que parece caracterizar grupos em guerra. O aspecto de treinamento militar, bem como a associação à guerra do esporte pode ser também encontrado na necessária formação do "nosso grupo" e o "grupo deles". O jogador de futebol torna-se uma figura análoga a um soldado, que deve possuir "garra", "raça" e amor à camisa (ou à sua pátria). De fato, ambos usam um uniforme que diferencia-os dos adversários, e nivela-os perante seus iguais. Assim, os esportes de massa, conforme Hobsbawm, constituem-se em um meio de identificação nacional e comunidade artificial (imaginada). Em 1969 houve até um conflito armado entre Honduras e El Salvador ("a Guerra do futebol"), cujos dirigentes utilizaram, numa orientação nacionalista, as emoções despertadas pelos incidentes ocorridos numa partida de futebol entre as seleções nacionais dos dois países, válida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 1970, para ofuscar os verdadeiros interesses econômicos e políticos do conflito.

Essa associação entre esporte e nacionalismo não é, portanto, um fenômeno recente, nem exclusivo do Brasil. Permita-nos o leitor a transcrição de uma citação de Hobsbawm um tanto extensa para clarificar o assunto:

“Entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendidas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global. (...) Os Jogos Olímpicos (...) e as partidas internacionais foram realmente organizados com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas. (...) Entre as guerras, o esporte internacional tornou-se (...) uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi nesse período (...) que a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico e, como demonstrou o ano de 1936, que os Jogos Olímpicos se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de auto-afirmação nacional. O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar como a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O

---

<sup>7</sup> A associação entre esporte e guerra é relatada frequentemente, nas mais diversas esferas. De fato, conforme Simoni Lahud Guedes, *"a analogia da competição no jogo de futebol com a guerra é mesmo um lugar comum na imprensa brasileira. Na linguagem descritiva do jogo de futebol são inúmeras as palavras que remetem a idéia de guerra. Os jogadores lutam, utilizando as armas de que dispõem para conseguir a vitória, que é a conquista do inimigo. Atacante, defensor, ponta-de-lança, tiro, canhão, petardo, tanque, artilheiro, capitão, morteiro, foguete e muitas mais são palavras incorporadas ao linguajar do futebol no Brasil, apontando todas em direção da analogia com a guerra. Em copas do mundo, a analogia é mais flagrante e mais explorada porque está permeada de sentimentos de patriotismo e nacionalismo"* (GUEDES, 1977, p.86). Sobre os preparativos prussianos para as guerras contra França e Inglaterra ver VINNAI, 1974, pp 129 e ss, e HOBBSBAWN, 1984, 309-311. Sobre a associação entre o exército e o esporte na República Federal da Alemanha antes da unificação ver VINNAI, 1974, p. 133.

indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”. (HOBSBAWM, 1990, pp. 170-171).

No caso do Brasil, a identificação nacional com a seleção nacional de futebol propicia, conforme Guedes, que as avaliações ideológicas do Brasil ocorram "através do desempenho de sua seleção de futebol" (GUEDES, 1977, p. 43), principalmente nas Copas do Mundo, onde não se tratam mais de equipes de futebol, mas de sociedades cuja essência é medida pelo futebol (Cf. DAMATTA, 1982, p. 34)<sup>8</sup>. A idéia de unidade nacional a partir do futebol brasileiro está tão enraizada em nossa cultura, que possibilitou a sua utilização como argumento nacionalista<sup>9</sup>. É de conhecimento geral que o regime militar de 64 utilizou o futebol como fonte de prestígio interno e externo, e como instrumento de controle social, na tentativa de legitimar a ditadura. Este não é um fenômeno exclusivamente brasileiro, como prova o caso da Argentina durante a recente ditadura militar, a "Guerra do futebol" e outros. A união entre futebol e nacionalismo, conforme mencionamos, é ressaltada nos confrontos entre seleções nacionais, quando os conflitos internos de interesses e as estruturas de poder são momentaneamente obscurecidos pelo furor nacionalista, num ritual catártico. Com relação a essa dramatização do futebol no Brasil, DaMatta afirma que "trata-se da reificação que o jogo permite, quando deixa que uma entidade abstrata como um 'país' ou um 'povo' seja experimentada como algo visível, concreto, determinado. Como uma equipe que sofre, vibra e vence adversários. Como um time que reage aos nossos incentivos positivos e negativos. (...) É pelo **futebol**, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais" (DAMATTA, 1982, p.34), o que não é um privilégio do Brasil, como vimos. Porém, os próprios campos e estádios de futebol constituem, no caso do Brasil, como também vimos, verdadeiros "monumentos da civilidade" brasileira.

Além da identificação nacional com a seleção brasileira de futebol, a nação também é experimentada, no futebol brasileiro, a partir de seus códigos demarcadores de inclusão e exclusão. Se o futebol permite a criação da nação brasileira, ele também requer que se formule critérios de pertencimento a essa coletividade. As representações acadêmicas e populares revelam que, no Brasil, entre as várias formas de se praticar o futebol, uma particularmente é mais valorada do que as outras, havendo portanto uma "preferência nacional" pelo que convencionalmente chama-se de "futebol-arte".

---

<sup>8</sup> Segundo Dumont, a nação "é duas coisas em uma; por uma parte, uma coleção de indivíduos, por outra, o indivíduo no plano coletivo, em face de outros indivíduos-nações" (DUMONT, 1985, p. 138). Durante uma Copa do Mundo, a nação transforma-se em indivíduo coletivo que compete com ferocidade com suas congêneres (Cf. ARAÚJO, 1980, p. 20). "Vive-se a experiência da identificação nacional, incorporada no desempenho do selecionado e em cada detalhe que o cerca" (GUEDES, 1995, p. 24). Sobre a nação como indivíduo político ver DUMONT, 1992, p. 357).

<sup>9</sup> Conforme Dumont, "o nacionalismo remete à nação, quer se trate de aspiração de constituir uma nação ou de uma tendência inspirada por sua existência" (DUMONT, 1992, p. 356).

### **III.1 - A NAÇÃO CONSTRUÍDA VIA “FUTEBOL-ARTE”: AS RELAÇÕES RACIAIS NO FUTEBOL RASILEIRO.**

A identificação nacional, e a própria definição da nacionalidade no Brasil inclui, conforme vimos até aqui, o futebol. Porém, apenas um tipo de prática do mesmo é valorizado neste processo de ênfase de pretensas substâncias do povo brasileiro: o “futebol-arte”<sup>10</sup>. A unidade imaginada pelo futebol brasileiro acontece sempre em referência a esta prática. É interessante notar que as representações acadêmicas e populares<sup>11</sup> a respeito desta prática específica baseiam-se em um reducionismo biológico. Pela própria história de sucesso de negros e mulatos no futebol brasileiro, representa-se o nosso estilo de praticá-lo como fundado em supostas características naturais desses jogadores de ascendência negra.

As representações populares do “futebol-arte” associam-no diretamente ao negro. Este seria, para o senso comum, quem possuiria o tipo-físico ideal para a prática “maliciosa” da bola, características essenciais do “futebol-arte”. A “biologização” desse discurso é facilmente percebida inclusive pela denominação das características necessárias (e geneticamente herdadas pelos negros) à prática brasileira do futebol: “biotipo”<sup>12</sup>.

O discurso intelectual sobre futebol, ou seja, as suas representações acadêmicas, também padecem, na sua imensa maioria, da mesma “biologização” no que concerne à explicação do estilo brasileiro de prática de futebol. Ao proporem uma espécie de gramática para o futebol, onde se impõe o uso e a posição corretos e ordenados dos seus elementos constituintes, particularmente os relacionados à nação, os autores comprometem-se com uma “missão cívica”, ou seja, o futebol brasileiro só pode ser corretamente entendido dentro de suas perspectivas narrativas nacionalistas<sup>13</sup>. São essas gramáticas, ou esses projetos, pelos quais, eruditamente, deixam-se representar ideologias nacionalistas baseadas no código de gênero e de sexualidade, conforme serão analisados mais adiante, e no código de raça, que passamos agora a analisar. Além de ser concebida pela língua, conforme Benedict Anderson assinalou (cf. ANDERSON, 1989, pp.156-162), a nação também é concebida pelo sangue, como demonstra o caso do “futebol-arte”.

Efetivamente, o futebol foi adotado no Brasil como se fizesse parte da nossa cultura, sendo supostamente praticado dentro de um estilo classificado pelo sugestivo nome de “futebol-arte”. O “futebol-arte” funciona como um “tipo ideal” inserido numa visão de mundo paradigmática para os apreciadores brasileiros do futebol<sup>14</sup>. A construção da imagem da nação brasileira ideal e vitoriosa, através do futebol, tem como código demarcador de pertencimento a este coletivo o “futebol-arte”. Conforme Gilson Gil,

---

<sup>10</sup> Dumont advertiu que “*uma nação não nasce de um simples tecido de solidariedades sem relação com os valores*” (DUMONT, 1992, p. 359), o que pode ser observado, no futebol brasileiro, na “dualidade” existente entre as práticas denominadas “futebol-força” e “futebol-arte”, onde esta última seria a mais valorada, e somente ela definiria o nosso futebol.

<sup>11</sup> Não queremos fazer nenhum juízo de valor na oposição acadêmico / popular, considerando a ambos como representações. De fato, trata-se apenas de uma designação da origem da representação.

<sup>12</sup> Conforme um técnico de futebol recentemente disse “*preferir jogadores negros, porque negro é sinônimo de velocidade, ginga e malandragem*” (Artur Bernardes em entrevista ao *Jornal do Brasil*, 26/4/92, transcrito de GIL, 1994, p. 104).

<sup>13</sup> Este é um fenômeno semelhante ao descrito por Candice Vidal e Souza com relação a autores como Cassiano Ricardo e Alfredo Ellis Jr. na construção da imagem ideal da nação. Ver VIDAL E SOUZA, 1993.

<sup>14</sup> O futebol sul-americano, em geral, também é designado por essa expressão, apesar de alguns autores acharem que o repertório futebolístico do “futebol-arte” ser “*nosso patrimônio autêntico e exclusivo*” (VOGEL, 1982, p.87).

"O futebol brasileiro é caracterizado por seus 'pensadores'. acadêmicos ou não, como sendo portador de uma identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Portanto, seria uma característica inerente aos brasileiros 'jogar bola' de uma determinada maneira, a qual constituiria uma marca cultural carregada por nós desde o nascimento. Essa auto-representação que nos impusemos criou uma forma particular de praticar tal esporte, pensá-lo e vivenciá-lo em nosso cotidiano" (GIL, 1994, p.100).

É também o "futebol-arte" que permite a representação de um povo alegre, criativo e artístico (cf. GIL, 1994, p. 105).

Parece ter sido a partir de 1962 que o Brasil começou a ser considerado internamente como o "país do futebol", fato explicado pelo êxito obtido em duas copas mundiais consecutivas. Isto possibilitou que um discurso antigo sobre uma "brasilidade" no futebol se tornasse o discurso "oficial" sobre o futebol brasileiro. Tal discurso, que vinha desde os inícios da urbanização <sup>15</sup>, processo concomitante à introdução do futebol, apregoava que o futebol era importado, mas a forma brasileira de praticá-lo não, e baseava o estilo brasileiro de jogá-lo na força, na energia própria, no **Trieb** do nosso povo. Esse **Trieb** conteria uma boa dose de "malandragem e ginga", características "inatas" ao brasileiro, ser "híbrido" por excelência. Nota-se, portanto, que a construção do discurso sobre o estilo brasileiro de prática de futebol fundamenta-se em pressupostos "biologizantes", já que o mesmo está baseado nas "diferenças" raciais "inatas", ou seja, ao "futebol-arte", atribui-se a característica de fixidez da natureza. Concordamos, portanto, com Vidal e Souza, para quem no Brasil, "a definição do cidadão nacional está fundada na suposta existência de determinações biológicas e/ou invariantes ontológicas responsáveis por suas características exclusivas" (VIDAL E SOUZA, 1993), o que pode ser observado no caso do futebol<sup>16</sup>.

Conforme a crítica a esta visão formulada por Meihy, "o 'jeitinho' derivado da 'malandragem' conferiria ao brasileiro, etnicamente indeciso, uma maneira peculiar: (...) o samba seria sua manifestação rítmica e o futebol o esporte" (MEIHY, 1982, p. 15). Os jogadores negros e mestiços seriam os principais artesãos do estilo brasileiro de futebol (cf. LOPES, 1994, p. 75).

É interessante notar que, ao mesmo tempo que esse discurso apregoava a diferença do nosso futebol em relação ao dos estrangeiros, havia uma necessidade recorrente de reconhecimento disto por parte da imprensa esportiva internacional <sup>17</sup>. De qualquer forma, a demarcação de pertencimento do "futebol-arte" está presente tanto nas representações populares como nas acadêmicas do futebol no Brasil.

---

<sup>15</sup> O futebol, conforme Sevcenko, está intimamente relacionado à urbanização e aos fenômenos de migração, substituindo os antigos laços e instituindo novos traços de identidade e de solidariedade coletiva. Ver SEVCENKO, 1994, pp. 33-36.

<sup>16</sup> Para Maurício Murad, por exemplo, o futebol, "por ser a mais expressiva manifestação da cultura popular do país, ofereceu-se naturalmente aos negros como um dos mais propícios terrenos sociais (também o samba) dessa atitude afirmativa. (...) Indubitavelmente foi o jogador negro que imprimiu no futebol brasileiro um estilo próprio de magia e arte, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, bem como de sua descendência inglesa imediata" (MURAD, 1994, p.75).

<sup>17</sup> Este reconhecimento realmente acontecia, como pode ser visto na seguinte citação de uma obra de 1954, antes, portanto, de o Brasil ser campeão mundial, e consagrar-se internacionalmente: "O jogo dos brasileiros é aquele que nos parece ter atingido o mais alto grau de refinamento. Suas equipes compreendem um grande número de jogadores de cor, que praticam um futebol instintivo, um futebol no estado de natureza, poder-se-ia dizer, tanto seus movimentos, gestos, mobilidade são fáceis e desenvoltos. O que nós tomamos por refinamento não é senão a expressão de suas aptidões naturais, de um gosto inato pela manipulação da bola. As qualidades de flexibilidade das quais fazem prova são bem as de sua raça (...) nas suas excursões pela Europa sejam na maioria das vezes vitoriosos, consagrando o grande mérito de sua técnica" (Maurice Pefferkorn, "Les écoles de football", citado em LOPES e MARESCA, 1992, p.124). Esta citação estrangeira demonstra que a fundamentação biológica para estilos de prática de futebol não é exclusividade do Brasil.

Esse discurso da "brasilidade" no futebol, instruído pelos "códigos raciais" é encontrado entre vários autores que se ocuparam do futebol. Neste sentido, Gilberto Freyre utilizou o futebol como exemplo de mais um caso de "hibridismo tropical", classificando o nosso estilo futebolístico de "dionisiaco", em oposição ao "apolíneo" futebol inglês. Segundo Freyre,

"o jogo brasileiro de **foot ball** é como se fosse dança. Isto pela influência, certamente, dos brasileiros de sangue africano, ou que são marcadamente africanos na sua cultura: eles são os que tendem a reduzir tudo à dança - trabalho ou jogo - tendência esta que parece se faz cada vez mais geral no Brasil, em vez de ficar somente característica de um grupo étnico ou regional. (...) É como uma espécie de bailarino da bola que o brasileiro vem criando um futebol já universalmente famoso. E nacionalmente brasileiro" (FREYRE, 1971, p. 97).

O paradigma desse dionisiaco jogador brasileiro, nos tempos de Freyre, era Leônidas da Silva, mais criativo e mais emotivo que o apolíneo Domingos da Guia, mais sóbrio e não totalmente emancipado de suas origens britânicas. Neste sentido, o paradigma brasileiro "estaria mais próximo do irracional que do racional" (GIL, 1994, p.101).

A mesma orientação de Freyre pode ser encontrada em Mário Filho, autor de uma obra consagrada ao discurso da "brasilidade" e da "democracia racial": **O Negro no Futebol Brasileiro**, onde podemos encontrar uma variada gama de representações populares, e algumas acadêmicas das relações raciais no futebol. Freyre, inclusive, escreveu o prefácio desta obra. Para Mário Filho, a incorporação dos negros como jogadores de futebol no longo do processo de desenvolvimento deste esporte no Brasil, além de fundar o nosso estilo de praticá-lo, demonstraria a "democracia racial" brasileira. Porém, nem todas as características do negro seriam desejáveis, e portanto "democráticas", para Mário Filho. Pelé seria um exemplo de negro "democrático", e a sua idolatração veio a calhar para as aspirações internacionalizantes do futebol brasileiro, isto é, o seu reconhecimento mundial. Também propiciou a celebração dos atletas negros como símbolo nacional pelo pensamento social brasileiro. É sabido que esta fase de "democracia racial" no pensamento social é marcada pela ocultação dos aspectos socio-econômicos do racismo brasileiro, ao proclamar como um avanço de tolerância racial a inserção do negro em "várias" atividades da vida social nacional. Em suma, o discurso de Mário Filho está permeado pela máxima "negro (só) é bom para samba e futebol". Conforme Levine,

"promovido pelos intelectuais, pela imprensa e televisão, e pela classe dominante, como um símbolo de brasilidade, o futebol atingiu o ápice de sua influência quando os negros, como Pelé, foram reconhecidos dentro do sistema. O apogeu do orgulho e da afirmação nacionais, que acompanhou as vitórias das três Copas do Mundo, não poderia sequer ter sido imaginado em outras circunstâncias" (LEVINE, 1982, pp. 42-43).

Pode-se afirmar que este discurso da "brasilidade" do futebol foi continuado, no meio intelectual, por uma associação entre o futebol e o carnaval. O brasileiro seria definido a partir destas manifestações, acompanhadas da dança, da música e da religião. O futebol como expressão popular típica brasileira é encontrado, por exemplo em Klintowitz, para quem "os músculos flexíveis, a habilidade corporal, a liberação do movimento, a criatividade e o ritmo, a alegria da manifestação espontânea, o balanço e o som de um povo tropical, musical e praieiro" (KLINTOWITZ, 1978, p 117), era encontrada no futebol.

DaMatta também ressalta que seria a "malandragem" e o "jogo de cintura" que definiria a prática brasileira do futebol, sem, no entanto, discutir a sua origem<sup>18</sup>. Acaba-se por definir o futebol e o povo pelo estilo (ou pelo jeito), o que parece repetir as idéias de Freyre, em função das explicações instintivas e raciais. Concordamos, portanto com Luiz Felipe B. N. Flores, para quem a identidade nacional estaria mais próxima da natureza. Isto ficaria nítido

“quando imaginamos que o (no singular, no fundo) brasileiro é alguma coisa de originário e fixo e que se torna visível em qualidades permanentes (‘preguiçoso’ ou ‘trabalhador’, p. ex.) ou em festas ou jogos (como o carnaval ou o futebol). A idéia de um futebol sinônimo de ‘local’ da ‘brasilidade’ implica que o substantifiquemos e passemos a querer saber não quais são os seus efetivos jogos como o que ele é, como ele ‘é’ em sua ‘essência’. Na busca dessa essência originária, identitária e trans-histórica (ou a-histórica) o que se acaba por fazer é restar em um especular jogo de inter-remissões e re-conhecimentos: o brasileiro é assim porque o carnaval/futebol é assim porque o Brasil é assim e, assim, ad infinitum ...” (FLORES, 1995, pp. 16-17).

A atribuição destas características lúdicas e coletivamente irresponsáveis, e portanto, não sérias, ao futebol e ao povo brasileiro é a demonstração que a comunidade imaginada, representada por ele, está baseada na naturalização de características culturais, o que por sua vez pode ser entendida como um efeito colateral da discriminação racial no futebol, e das próprias relações raciais no Brasil<sup>19</sup>.

A discriminação racial no universo do futebol brasileiro participou de um fenômeno que DaMatta definiu como "a maior tragédia da história contemporânea do Brasil". Na copa do mundo de 1950, disputada no Brasil, a derrota para o Uruguai na final foi atribuída à falta de hombridade, e a fatores raciais. Foram considerados os maiores culpados da derrota brasileira: o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol do Uruguai, e o jogador Bigode, que teria levado um tapa de Obdulio Varela, capitão do time uruguaio<sup>20</sup>, ambos escolhidos, justamente, por serem negros.

A maioria dos jogadores da seleção brasileira de 1950 era formada por negros e mulatos, assim como a própria população brasileira, e isto não era considerado uma virtude pelo pensamento social<sup>21</sup>. Na copa de 1954 na Suíça, a seleção brasileira foi eliminada

---

<sup>18</sup> “É sabido no Brasil que o futebol nativo tem “jogo de cintura”; ou seja, malícia e malandragem. (...) (no jogo de cintura e na malandragem) em vez de enfrentar o adversário de frente, diretamente, é sempre preferível livrar-se dele com um bom movimento de corpo, enganando-o de modo inapelável (...) (Assim, Carnaval e futebol são) instrumentos básicos de manifestação da identidade nacional no caso brasileiro” (DAMATTA, 1982, pp. 28 e 33).

<sup>19</sup> Conforme Gordon Jr. “durante um século, desde sua introdução aqui, o futebol funcionou ora como elemento integrador (louvando as características supostamente negras e mestiças do nosso futebol, como ‘ginga’, ‘malícia’ e ‘arte’), ora como diferenciador (ressaltando as velhas idéias de inferioridade negra, incapacidade mulata). Conquistas e derrotas brasileiras em nível mundial marcavam os avanços e recuos do processo” (GORDON Jr., 1995, p. 73).

<sup>20</sup> A crônica esportiva dá o tom do que se pensou na época: “Mandamos para o campo um escreta apavorado que correu do berro do Obdulio Varela” (**O nosso Obdulinho** in RODRIGUES, 1994, p.43); “o que nos doeu mais foi o contraste entre a garra uruguaia e a quase passividade brasileira” (**O ideal de 16 de julho** in RODRIGUES Filho, 1994, p.202); “a passividade com que suportamos a derrota ultrajante, e, posteriormente, o conceito duvidoso que em Montevideu se fazia da capacidade de luta do povo brasileiro - tudo isso envenena o coração do nosso futebol” (**História com dois enes** in NOGUEIRA, 1974, p. 120).

<sup>21</sup> A atribuição da culpa pela derrota em 1950 à composição somática da seleção brasileira pode ser observada neste exemplo: “mas a franqueza que nos leva a reconhecer o empenho de cada um dos nossos jogadores naquele embate, convence-nos de que alguma coisa faltou, alguma coisa que, em forma de desequilíbrio dos nervos, não lhes permitia aliar ao seu desejo de vitória uma atuação firme, eficiente e produtiva. Confessamos não poder fixar aqui, para não avançarmos em terreno estranho e perigoso, as causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais que possam ter influído para tal estado de coisas” ( O Estado de São Paulo, 6/7/54, reproduzido em NOGUEIRA, SOARES e MUYLAERT, 1994).

pela da Hungria, e novamente a culpa da derrota foi atribuída ao medo, e à "tremedeira" dos jogadores brasileiros, na maioria negros e mulatos<sup>22</sup>.

Somente na copa de 1958 na Suécia, quando o futebol brasileiro começou a obter sucesso nas suas ambições internacionais, foi que o negro e o mulato conseguiram ser aceitos pelo pensamento social brasileiro, pois os jogadores da seleção nacional "venceram como sonhávamos que vencessem: no peito, na raça e no futebol. (...) não tremeram, não hesitaram, não tiveram um momento de dúvida ou de fraqueza" <sup>23</sup>. Porém, foi só durante esta copa, depois de resultados não satisfatórios nos primeiros jogos, que Pelé e Garrincha, os maiores jogadores brasileiros de todos os tempos, um negro e um mulato, foram escalados para atuar, e ganhar a copa com destaque. Houve, portanto um esquecimento construído do papel do negro nas copas antecedentes. A memória do futebol foi, neste caso, arbitrária e essencialista; pois, o que ficou para a posteridade foi a "grandeza" com que o negro brasileiro conquistou o primeiro campeonato do mundo, de onde se perpetuou o discurso que baseia o estilo brasileiro de futebol em características "naturais" do negro<sup>24</sup>. Como este discurso também está construindo uma imagem ideal de nação (vitoriosa), utiliza-se uma linguagem "biologizante" na definição da essência do ser brasileiro. Daí, o uso de temas como raça (e também de sexo, conforme veremos adiante) nas descrições do caráter nacional do futebol; o que causa a essencialização e naturalização da cultura, ou seja, "o campo normalmente entendido como terreno das transformações humanas, plenamente livre para a criatividade e a intervenção social, adquire as características de fixidez da natureza" (VIDAL E SOUZA, 1993, p. 6).

Em outras palavras, a atribuição de características negras como criadoras do nosso futebol, devido ao sucesso do negro nesta esfera de atividade, é dada como hereditária, ao invés de ser explicada em função do racismo de nossa sociedade. Conforme Lúcia H. Corrêa,

"o negro sabe que o que leva - não apenas uma raça, mas qualquer ser humano - a superar-se é o alto grau de dificuldade que se antepõe àquilo que ela realmente deseja. Numa sociedade racista, com as características da nossa, para o negro não basta ser bom. É necessário ser ótimo. É indispensável ser excelente. O melhor. (...) O mesmo racismo que emperra o negro para a superação de si próprio e, daí, para o sucesso, (...) na primeira falha cobra-lhes a concessão de um dia tê-los deixado galgar os degraus da fama. Do negro cobra-se 'alma branca'." (CORRÊA, 1985, pp. 32-33).

Em função da pressão social sobre si, o negro deve, como aliás qualquer outro ser humano, aprender a jogar futebol, mas deve aprender a jogar de uma forma extraordinária para poder se sobressair. Além disso, existem jogadores brancos de excepcional qualidade. Sobressair-se no futebol não é um privilégio de negros. A prática do futebol se define por um conjunto de "técnicas corporais", como diria Marcel Mauss, e que, portanto, são transmitidas culturalmente aos seres humanos, sejam eles de que raça, origem, religião e sexo forem. Com o "futebol-arte" não é diferente. Assim, acreditar que o negro e o mulato pobres não

---

<sup>22</sup> "Na hora da batalha de Berna, o time brasileiro entrou em campo visivelmente amedrontado. Inseguro. (...) o Brasil tremia nas bases" ( **Hungria 54: Um time vertiginoso** in NOGUEIRA, SOARES e MUYLEAERT, 1994, p.46). "Os jogadores tremeram em Berna, em 54, porque, aqui, já tremíamos diante das assombrações húngaras" (**No peito, na raça e no futebol** in RODRIGUES Filho, 1994, p.240).

<sup>23</sup> idem.

<sup>24</sup> "Perdíamos porque éramos um povo mestiço ('emocionalmente instáveis', 'moralmente fracos'), vencíamos porque éramos um povo mestiço ('cheios de ginga e malícia', 'artísticos', 'musicais')" (GORDON Jr., 1995, p. 75).



precisam aprender a jogar futebol, pois não possuem instrutores, aprendendo nas ruas através de sua intuição desenvolvida através do uso de “bolas de meia” (cf. GIL, 1994, p. 104) não elucida o problema. O talento do jogador pobre, seja ele de que raça for, é desenvolvido justamente com bolas que dificultam o seu domínio, como as “bolas de meia”, em campos que também se oferecem como obstáculos para o prosseguimento ideal do futebol. Estas práticas populares sob condições adversas também são formas de treino e aprendizagem, sendo inclusive muito eficazes, já que apesar das más condições, ainda assim se pratica futebol, sobressaindo-se em condições ideais. Em outras palavras, é justamente por ser aprendido informalmente e em condições adversas, o futebol das ruas pode vir a tornar-se de excelente nível técnico em condições ideais.

Continuando nossa análise das representações acadêmicas do futebol brasileiro, segundo DaMatta, o paradigma do futebol europeu, o "futebol-força", seria um instrumento de coletivização, em nível pessoal ou das massas. Baseado na eficácia empírica de seus treinamentos "científicos", o "futebol-força" pressupõe uma disciplina tática e atlética, pois velocidade, resistência, força e objetividade caminham juntas na sua concepção. Os europeus seriam, assim, "duros de cintura", tendo que privilegiar o jogo em conjunto. Isto seria o oposto do futebol brasileiro, ou "futebol-arte", espécie de futebol "do menor esforço", onde "quem corre é a bola" <sup>25</sup>. Esta comparação entre estilos de prática de futebol demonstram que o “estilo europeu”, ou sua suposta essência, também são representados por DaMatta com base em características supostamente “naturais”. Natural seria também a associação do europeu com o conhecimento científico, afastando os brasileiros desta esfera e atribuindo-lhes, conseqüentemente, características não sérias.

DaMatta definiu o futebol brasileiro como um futebol de beleza e exibição, onde a capacidade de improvisar de seus jogadores permitiria uma criatividade estética gratuita (como na arte). De fato, a descontração tática do nosso futebol o promove à fonte de individualização, e ao **locus** onde é possível a expressão individual. Porém, sob esta ótica, os jogadores brasileiros jogariam bem porque seriam dotados de supostas qualidades naturais intrínsecas, como o talento individual e o gênio natural, que seriam expressos pela sua habilidade, malícia e espontaneidade. Segundo Gil, "o jogador brasileiro já nasceria com um dom: o de possuir uma técnica inigualável para esse esporte, sendo preciso apenas soltá-lo em campo" (GIL, 1994, p.102). Estas características do jogador brasileiro, que aliás tornam o nosso futebol competitivo e vitorioso, são melhor entendidas em relação a um sistema de valores existente nas representações do que deve ser a prática ideal do futebol entre os brasileiros. Devemos devolver à cultura o que é da cultura. Conforme a clássica obra de Marcel Mauss sobre as “técnicas corporais”, o corpo humano é o primeiro e o mais natural instrumento, ou objeto técnico do homem, ao mesmo tempo que o meio técnico do homem é o seu corpo (cf. MAUSS, 1974B, p. 217). Neste sentido, o corpo humano é um instrumento universal e, portanto, colocado à disposição de todos. É o que Mauss chamou de “imitação prestigiosa” (cf. MAUSS, 1974B, p. 215) que explica a predominância, no futebol brasileiro, do que se denomina “futebol-arte”. Lévi-Strauss, comentando esta passagem de Mauss, observou que o domínio dos esportes, que é apenas uma parte das condutas consideradas por Mauss, é uma das únicas esferas da atividade humana onde há o exercício e a aplicação dos meios corporais, sendo variável conforme os grupos: “cada técnica, cada conduta tradicionalmente aprendida e transmitida, fundamenta-se em certas

---

<sup>25</sup> "Futebol-força exprime um estilo onde a ênfase no treino conseqüentemente na racionalidade é maior e mais intensa. Já a idéia de futebol-arte fala de carisma, de sorte, de malandragem, de jogo-de-cintura, de beleza e de sedução carnavalesca" (DAMATTA, 1995, p. 7). A cientificização do “futebol-força” é apresentada quase como um dado da natureza, pois os europeus são sempre apresentados como “duros de cintura”, devendo desenvolver-se cientificamente para obter sucesso.

sinergias nervosas e musculares que constituem verdadeiros sistemas, solidários com todo um contexto sociológico” (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 4).

Desta forma, o que caracterizaria o futebol brasileiro, segundo DaMatta, seria o controle e o toque de bola, bem como a ginga, a versatilidade e a intuição de seus jogadores: "o futebol brasileiro representa-se a si mesmo" e é representado, "como uma modalidade caracterizada pelo uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas, o que cria um jogo bonito de se ver" (DAMATTA, 1994B, p.16). Conforme Gil, este aspecto estético privilegia a relação entre jogador e torcida, evitando que o futebol brasileiro fosse visto apenas como competição. Portanto, todos estes aspectos são os que são valorados positivamente pela nossa “cultura futebolística”. Analisemos mais profundamente esta questão.

José Carlos Bruni afirma que os nossos jogadores costumeiramente criam "em micros situações que não duram mais que frações de segundo, uma solução não prevista pela técnica, pelas regras da tática e da estratégia" (BRUNI, 1994, p.8). Ainda segundo Bruni, o típico jogador brasileiro deve "fazer de seu corpo um conjunto de signos indecifráveis para o adversário, dominar a arte do drible, da condução maliciosa e ardilosa da bola, numa exibição permanente de habilidade e raciocínio rápido" (BRUNI, 1994, p.8).

José Sergio Leite Lopes, em seu artigo sobre o jornalismo esportivo e o negro no futebol brasileiro <sup>26</sup>, percebeu uma oposição, fundamental para os nossos propósitos, entre "classicismo" e "romantismo", na concepção do futebol brasileiro. O pólo clássico é encontrado no modelo "apolíneo" de Freyre, enquanto o romântico estaria no seu modelo "dionisíaco". De fato, o futebol brasileiro, em sua concepção, fornece um quadro físico-moral onde encontra-se uma tensão permanente entre o espírito romântico e sensível, representado pelo "futebol-arte", e o espírito clássico do esporte, representado pelo "futebol-força". Este último mais racional e mais afastado do sensível do que o primeiro, que por sua vez é relacionado à miscigenação, uma metáfora de luta por uma identidade nacional. Essa tensão promoveu uma "crise paradigmática" de valores no nosso futebol nos últimos 20 anos, conforme observou Gilson Gil.

Nestes termos, o romantismo do futebol brasileiro possui uma “lógica de guerrilha” e um caráter anti-normativo que apregoa que o jogador em campo deve ser um "indivíduo desigual": "o apropriado seria o pessoal, o afetivo como criador de jogadas, de interação entre time e torcida. (...) Este indivíduo singular é ligado à vida, à arte e à tragicidade da existência" (GIL, 1994, pp.102-103). A este indivíduo do romantismo, que tenta recuperar o que o homem tem de arbitrário, de mais específico, opor-se-ia um indivíduo mais cosmopolita identificado com o iluminismo, obediente a sistemas rígidos (o que provoca a uniformidade dos jogadores), e que privilegia o uso da força física, da “guerra aberta” vendo a paixão como fonte de erro.

Essa tensão entre romantismo e classicismo é observada também nas discussões acerca de como deve ser o esquema tático da seleção brasileira. Desde a década de 70, conforme verificou Gilson Gil, há uma alternância na visão do que deve ser adotado como esquema tático, representado pela oposição antigo/moderno, onde o “futebol-arte” e os treinadores que o privilegiavam passam a ser encarados como "conservadores". O progressista é relacionado ao teórico, ao pragmático, científico e racional. Joga-se pelos resultados, sendo o aspecto estético desprezado.

Neste sentido, houve momentos, nos últimos 20 anos, em que essas duas posições se alternaram na concepção de jogo da seleção brasileira, com um leve predomínio do que se associa ao "moderno". Porém, a verdadeira essência do futebol brasileiro, o seu **ethos**, é

---

<sup>26</sup> Ver LOPES, 1994.

encontrada no seu romantismo, como pode ser observado pelo fato destes comandos racionais da seleção serem alvos de ferrenhas críticas por parte da crônica esportiva e do público torcedor. Assim, apesar de a Copa de 1994 ter reconhecido o mérito de um Dunga, símbolo do jogador combativo no “futebol-força” (cujo estilo havia sido muito criticado, enquanto o Brasil não ganhava novamente uma Copa do Mundo), a consagração do Brasil deu-se principalmente através de Romário, representante do “futebol-arte”<sup>27</sup>.

No Brasil, a uma equipe não basta apenas vencer: ela deve também "convencer", ou seja, mostrar uma superioridade nítida sobre o adversário, deve submetê-lo, o que é conseguido com a obtenção de muitas chances de gol, bem como pelo brilho do “futebol-arte”. O futebol no Brasil é uma arena, onde brilho individual e espírito de equipe não são excludentes, e em alguns casos, são desejados concomitantemente. Nestas oportunidades, o futebol brasileiro parece mais ser um jogo coletivo praticado individualmente.

As características singulares do futebol brasileiro devem ser entendidas, portanto, em relação aos valores que lhes são imputados, pois a criação de uma nacionalidade, ou o seu projeto, requer a sua própria codificação, através de classificações, posicionamentos e distinções, definindo “quais são e como devem ser seus elementos formadores. (...) Ao fazer demarcações, o pensamento nacionalista rompe com a indiferenciação na atribuição de identidades coletivas, estabelece descontinuidades ao outorgar valor às diferenças” (VIDAL E SOUZA, 1993, p. 7). No posicionamento simbólico do futebol brasileiro, o “futebol-arte” é a prática valorizada positivamente pelo nosso **ethos** futebolístico. As outras formas de se praticar o futebol (inclusive o “futebol-força”) também existem no futebol brasileiro, sendo, apenas, menos valorizadas. O “futebol-força” está implicitamente submetido ao “futebol-arte”, no que Dumont definiu como o “englobamento do contrário”<sup>28</sup>. O “futebol-força” é uma parte, ou uma esfera do conjunto do futebol brasileiro (que tende a identificar-se com o “futebol-arte”) valorizada negativamente face ao valor positivo imputado a este conjunto.

Neste sistema de valores que permeia o futebol brasileiro, uma categoria central que recebe, geralmente, uma valoração positiva é o **talento**. O talento seria uma característica inata, rara, singular, específica e exclusiva de cada jogador que o possuir, assemelhando-se ao “carisma” weberiano. Ele serve como um classificador social que divide os jogadores em grupos distintos, tornando-os especialistas em funções, posições e faixas de terreno, permitindo a adequada utilização de suas aptidões específicas (cf. ARAÚJO, 1980, pp.30-34). Os jogadores de futebol podem ter, portanto, talento para várias coisas. Os jogadores de alta qualidade técnica, os chamados “craques”, por exemplo, ocupam, preferencialmente, as posições do “meio-de-campo”, devendo também possuir “visão de jogo”, ou seja, a capacidade de enxergar todo o campo, inclusive quando estão dominando a bola. É neste setor do campo que se definem as vantagens territoriais das equipes e ainda é onde “ocorrem os lances de maior efeito estilístico” (PRADO, 1994A, p.24). O atacante também é bastante valorizado, devendo possuir uma boa noção de espaço e tempo, que se traduz pela expressão futebolística “oportunismo”. Outros jogadores têm

---

<sup>27</sup>Conforme Helal e Murad, “o fato da Seleção Brasileira de 1994 jogar um futebol considerado mais ‘moderno’, com muita aplicação tática e poucos dribles, foi visto com desconfiança pela população que apesar de celebrar a conquista, não demonstrou se reconhecer naquele estilo de jogo e elegeu Romário o ídolo da nação, justamente o jogador que mais guardava as características do ‘futebol-arte’” (HELAL e MURAD, 1995, p. 65, nota 3).

<sup>28</sup> Trata-se de uma “relação hierárquica (...) que existe entre um todo (ou um conjunto) e um elemento desse todo (ou conjunto): o elemento faz parte do conjunto, é-lhe, nesse sentido, consubstancial ou idêntico e, ao mesmo tempo, distingue-se dele ou opõe-se-lhe. Não existe outro modo de o exprimir, a não ser justapondo em dois níveis diferentes essas duas proposições que, tomadas em conjunto, se contradizem” (DUMONT, 1985, p. 129).

talento para a "catimba" <sup>29</sup>, onde se procura retardar ao máximo o prosseguimento de uma partida, "administrando a vantagem" ou evitando tomar gols, mediante o uso dos mais variados artifícios.

Uma outra característica definidora de talento, muito valorizada pelas representações acadêmicas e populares nos jogadores de futebol, é o drible, onde o jogador que está com a bola procura vencer a oposição direta de um jogador adversário, mediante uma "simulação" ou "fingimento" de uma intensão de progressão com a bola, que é finalmente abandonada pela verdadeira progressão do jogador e da bola. Neste momento, é tarde demais para que o jogador adversário, ao ser enganado pela simulação inicial, retome uma posição de combate direto, permitindo que o jogador que efetuou o drible obtenha uma vantagem espacial, e o seu time uma vantagem "numérica", já que se "ultrapassou" um jogador adversário. O drible, além de vitória espacial e tática, também significa uma vitória psicológica sobre o adversário, dado que este, geralmente, fica em situação ridícula ao recebê-lo.

O drible é definido como um dos aspectos principais do "futebol-arte", pois o olhar do torcedor "é treinado para reconhecer um ideal estético feito de exibição, personalismo e brilho individual. Ao mesmo tempo, descobre as armadilhas da ostentação pretensiosa, que traz o ridículo e a vergonha consigo" (VOGEL, 1982, p.112). A improvisação, representada pelo drible, marcaria o futebol brasileiro <sup>30</sup>. Convém lembrar, porém, que o senso comum estabeleceu que "jogador pensa com os pés. Ao invés da inteligência, toda a genialidade que os craques apresentam seria fruto da intuição"(GUEDES, 1995, p. 39).

A personalidade do jogador de futebol também é objeto de valorações, devendo ele possuir algumas características e evitar outras, ou seja, certos aspectos formadores de personalidade são mais valorados que outros. Neste sentido, o jogador deve possuir humildade e frieza, bem como seus respectivos opostos, a confiança e a raça, sem nenhum excesso de qualquer uma dessas características. Tal excesso leva ao abatimento, à "máscara", ao medo ou à violência. A categoria central deste sistema é a autodisciplina, que, acompanhada da dedicação ao trabalho e à evitação de vícios e prazeres constitui o ideal ascético que é esperado do jogador profissional (cf ARAÚJO, 1980, pp. 50-62). A nação, portanto, deixa-se transparecer pelas valorações colocadas naquilo que se convencionou chamar de "futebol-arte". Haveria, supostamente, o "verdadeiro brasileiro, carnaval, futebol, etc. O que for considerado como exterior a esta Verdade é julgado perturbador de sua pureza e visto como anômalo, anacrônico, injustificado, deletério e mesmo 'criminoso' quando portador de algum vírus culturalmente letal para a Essência amada" (FLORES, 1995, p. 17). É isto que ocorre, por exemplo, com o "futebol-força".

Percebe-se, portanto, que todos estes aspectos que caracterizam a prática do futebol brasileiro são objeto de aprendizagem, culturalmente construídos, e não devem ser imputados às características "inatas" e "racialmente" herdadas de nossos jogadores. É a sociedade brasileira que formula e transmite qual deve ser a prática ideal de futebol para os nossos padrões, definindo quais são os valores dominantes que regem o nosso futebol, bem como a imagem da nação por ele representada. O futebol, ou pelo menos torcer por uma equipe de futebol é uma "aula de nacionalismo" que no caso do Brasil, além de

---

<sup>29</sup> Catimbeiro é o jogador que "usa a violência e a ofensa física e moral de forma sub-reptícia e disfarçada, impedindo as punições regulares da arbitragem, como sua principal arma" (GUEDES, 1977, p.90).

<sup>30</sup> O repertório de jogadas que compõe o chamado "futebol-arte" é bem variado: *bate-pronto, bicicleta, calcanhar, chapéu, embaixada, embaixo-das-pernas, folha-seca, lençol, de letra, dar olé, puxeta, rosquear, trivela* etc são nomes de algumas jogadas desse repertório. Porém, também existem no futebol brasileiro o *carrinho, o frango, o sarrafo, a tesoura, a pisada-na-bola* etc, que não são jogadas definidoras do "futebol-arte", mas que são nomeadas e que também estão presentes em qualquer partida do nosso futebol.

substancializar-se na torcida pela seleção nacional, evoca características raciais para a sua auto-identificação etnocêntrica e essencializada.

Porém, a nação é também um projeto coletivo, onde direitos e deveres são cruciais. Ou seja, a nação é (re) construída e atualizada continuamente, a partir de seus critérios de pertencimento coletivo, e de acordo com “posições” desejadas para os sujeitos sociais ocuparem, na coerência dessa coletividade. Os discursos construtores da nação no futebol brasileiro são um exemplo disso. Passamos agora a procurar compreender que além dos códigos hierárquicos raciais, a imagem da nação construída pelo futebol brasileiro também tem por base os códigos de gênero e de sexualidade, conforme elaborados pelas relações de gênero existentes no Brasil.

#### **IV - UMA SIMBÓLICA DA MASCULINIDADE.**

Apesar de possuir uma grande participação feminina nas suas torcidas, e de as mulheres estarem presentes inclusive na simbolização do futebol, conforme veremos adiante, o futebol é considerado, no Brasil, como uma área predominantemente masculina. De fato, o aspecto de espetáculo ritualístico do futebol também encena um destacado drama de virilidade e de masculinidade. O confronto simulado com uma bola, entre duas comunidades representadas por elementos masculinos, que é inclusive compartilhado pelos torcedores, constitui uma forma de ritual viril. Conforme Eco, "o futebol está para o adulto masculino como o jogo de mamãe para as meninas: um jogo pedagógico que ensina a manter seu próprio lugar" (ECO, 1984, p.231). O futebol pode ser entendido, portanto, como um dos complexos de rituais de iniciação, que abrem acesso à virilidade adulta. "É nas brincadeiras infantis de pelada (...), que o menino é socializado no futebol" (GUEDES, 1982, p.64)<sup>1</sup>.

Existem várias teorias a respeito da identificação nacional do futebol como **locus** masculino. Da Matta acha que isto deve ser entendido no contexto geral das relações entre gêneros no Brasil, onde o futebol e a política, não são assuntos que possam ser apreciados por mulheres: "fala-se de dinheiro e de mulheres, mas se discute futebol e política" (DAMATTA, 1982, p.27). Luiz Felipe B. N. Flores, também essencializa a questão, explicando-a pela virilidade do jogo: "futebol é coisa para homem" (cf. FLORES, 1982, pp. 54-55), opinião compartilhada por Arno Vogel (cf. VOGEL, 1982, pp. 98-99). Já Simoni Lahud Guedes acha que o motivo está no fato de que para se gostar de futebol, é necessário que se entenda de futebol, o que só é conseguido através da prática. O desinteresse da mulher pelo futebol se explicaria pela raridade de sua prática feminina (cf. GUEDES, 1982, pp. 62-63). Podemos usar estas explicações como ponto de partida para um reflexão mais profunda sobre esta questão de gênero no futebol brasileiro.

Para Anatol Rosenfeld, pioneiro dos estudos sobre futebol no Brasil, a popularidade do futebol no Brasil poderia ser parcialmente explicada pelo favorecimento que ele proporciona à coordenação motora, e como consequência disto, a identificação. Isto curiosamente aconteceria porque

"todo menino e todo homem (isto é, a criança ou o bárbaro que há nele) tem a tendência de impelir para a frente, com o pé, latas e cascas de fruta que estão no caminho. A reação natural do homem (não do burguês assentado e, em nossa cultura, quase nunca da mulher) é devolver com o pé uma bola que rola para ele" (ROSENFELD, 1993, p.94).

Esta representação acadêmica da mulher perante a bola, apesar de possuir um caráter discriminatório, é muito significativa, e é também encontrada na crônica esportiva. Nelson Rodrigues, um dos maiores cronistas desportivos brasileiros de todos os tempos, e grande

---

<sup>1</sup>Armando Nogueira escreveu uma crônica que retrata bem isto: "*Paulinho (seis anos) está na maior felicidade deste mundo: pela primeira vez na vida ele vai hoje ao Maracanã. Vai hoje, com o pai, ver o futebol de estádio grande. (...) cada menino que chega é grama nova que floresce no campo. Cada menino que chega, alento fresco no grito doce-afrito da multidão. (...) Chege para ficar, menino-que-chega, porque é aqui que está a bola - a bola da minha, da tua, da nossa infância; aqui está a bola branca que, rolando, descobre o céu*" (**Menino-que-chega** in NOGUEIRA, 1974, pp. 73-74). De fato, no futebol brasileiro, "os valores dramatizados são, em princípio, os valores do mundo masculino. (...) A machesa é atributo essencial da personalidade masculina entre nós" (VOGEL, 1982, p.98).

intérprete de representações populares no futebol, até criou uma personagem a "grã-fina de narinas de cadáver", que, ao entrar num estádio de futebol, perguntava ao seu acompanhante "quem é a bola?". Apesar do exagero desta representação, ela aponta para a falta de conhecimento das regras de futebol pela maioria das mulheres, o que significa que toda a "intimidade" com a bola só seria possível por um indivíduo do sexo masculino, neste tipo de representação popular. De qualquer forma, a identificação é reforçada pelo sentimento do torcedor masculino de que "também pode", pois praticamente só ele participa diretamente do futebol. Existe ainda, para o universo masculino, uma possibilidade de distanciamento crítico, como nas falas comuns de que "não teria chutado fora", "em virtude do que, por outro lado, é estimulada uma co-participação ainda mais apaixonada" (ROSENFELD, 1993, p.95), apenas do homem. Às mulheres resta o papel de auxiliares dos homens no futebol, torcendo em função de laços sociais próximos (com homens) e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol. As mulheres talvez acompanhem o futebol em função de que homens próximos (marido, pai, irmão, namorado etc) o fazem. Essa é a posição desejável para o feminino prescrita, através do futebol, como exigência para uma unidade viável da totalidade composta por homens e mulheres na construção da nação, pois a nação é também um projeto. Aponta para uma realização, para um objetivo. Ao atualizar o gênero, o futebol também atualiza a nação, como veremos a seguir.

Conforme Vidal e Souza, as narrativas de construção da nação

“formulam um enredo capaz de acomodar na totalidade político-cultural mensagens relativas ao caráter da cidadania especificamente masculina e feminina. Homens e mulheres recebem tarefas civis diferenciadas, cuja definição pressupõe um conceito de gênero: os atributos do masculino e do feminino que indicam as atribuições apropriadas às suas capacidades e habilidades” (VIDAL E SOUZA, 1993, p. 8).

Enquanto forma dramática, o futebol também permite a elaboração dos dilemas estruturais da sociedade, discutindo-os de forma pública e coletiva. Conforme DaMatta, "se o futebol é bom para ser visto, ele também serve para dramatizar e para colocar em foco os dilemas de uma sociedade" (DAMATTA, 1982, p.32). Neste sentido, DaMatta sugere que "o futebol seria popular no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos" (DAMATTA, 1982, p.40). A sociedade está no jogo, e vice-versa. Assim, no futebol praticado no Brasil, para DaMatta, está projetado um conjunto de temas que são básicos à sociedade brasileira. A liberdade de escolher um time, ou um ídolo, é exercitada por indivíduos que, constantemente, têm a sua vida previamente definida por uma sociedade hierarquizada. Cabem as perguntas quanto à inclusão, nestas reflexões, das hierarquizações sócio-econômicas e das contidas nas relações de gênero: Será que a mulher participa desta "aula de democracia" engendrada pelo futebol no Brasil? E no âmbito masculino, será que a obediência às regras são mais importantes que o inconformismo da derrota?

As regras futebolísticas e a sua reelaboração coletiva são vistas por DaMatta, e por outros, como permitindo o exercício da função ética, indispensável à vida em sociedade. É durante o jogo, e no calor das emoções, que se revelam o certo e o errado, expressos pelos gestos e apitos do juiz. O juiz é quem expressa, mas todos os jogadores e espectadores

participam da discriminação do que seja certo ou errado<sup>2</sup>. As normas futebolísticas são “supostamente” de conhecimento de todos, sendo acionadas, normalmente quando são transgredidas. Ao pressupor uma igualdade inicial, o futebol ofereceria uma aula de democracia e igualdade, onde as regras valem para todos, trivializando, assim, vitória e derrota. Não cremos que a derrota seja tão bem aceita pelos torcedores. Para os adeptos do futebol, somente a vitória interessa, devendo a derrota ser evitada a todo custo, independentemente do cumprimento das regras. No futebol vale aquela máxima de que as “regras existem para serem quebradas”. DaMatta esquece-se que apesar de o juiz possuir a “visão oficial” do jogo, os torcedores podem ter outras, e freqüentemente as têm. O que é considerado certo ou errado é uma definição pessoal, individual, sendo que as derrotas são constantemente explicadas pelos torcedores como “uma roubalheira”, ou seja, uma falha (para o torcedor, proposital) no cumprimento das regras. O que é trivializado seria, portanto, a quebra das regras, o que, aliás, qualquer jogador de futebol faz, nem que seja escondido do árbitro. Daí, não acreditarmos que o futebol ofereça uma “aula de democracia”, pois, além da derrota, a vitória também não é fonte de igualdade, tampouco é um fenômeno trivial para o torcedor, como veremos adiante. Apesar do grande valor das suas observações quanto à missão cívica do futebol, DaMatta também esquece de considerar a mulher em sua análise, o que a torna valiosa representação acadêmica deste aspecto do futebol. Além disso, segundo DaMatta, o futebol no Brasil ajuda na coletivização, e é força integrativa capaz de proporcionar ao povo pobre e destituído a experiência da vitória e do êxito. Porém, estas representações acadêmicas só são aplicadas ao universo masculino, e em diferentes níveis de envolvimento emocional e material nestas vitórias e êxitos, pois o discurso dos dirigentes e da maioria da crônica esportiva “terminantemente exclui os torcedores da *responsabilidade* de interferirem nos processos decisórios e no arranjo institucional do futebol administrado e jogado profissionalmente” (TOLEDO, 1996, p. 149).

Contudo, enquanto instituição, o futebol, como qualquer esporte, requer algum acordo quanto à aceitação da “visão oficial” das partidas, para que haja coerência nas disputas de campeonatos. Esse acordo é novamente uma demonstração que o futebol revela a nação, pois esta, enquanto projeto coerente, também necessita de acordos quanto a normas, corpos jurídicos etc<sup>3</sup>. As regras, portanto, ocupam um lugar de suma importância nas representações do futebol. Segundo DaMatta, é justamente “no momento em que a regra não pode ser cumprida, ou em que ela é levada até as últimas consequências, é que se forma o momento mágico que imortalizamos. (...) Muito do que se discute sobre futebol diz respeito à aceitação das regras do jogo como normas universais, e às consequências disso quando sua aplicação é realizada de modo automático pelo juiz da partida” (DAMATTA, 1982, pp.15 e 35). Os torcedores devem, a exemplo dos jogadores, saber perder, porém, conforme mostramos, os juízes e bandeirinhas são freqüentemente considerados culpados pela derrota de um time. O acatamento de suas decisões, e o acordo quanto ao conjunto de regras válido representam um projeto (em potencial) de nação (ou de relações internacionais).

Para entrar na relação gênero/nação, vamos voltar ao ponto mencionado anteriormente quando do papel das **Public Schools** no controle de adolescentes pelo

---

<sup>2</sup> O poder dos juízes de futebol talvez provenha das origens britânicas deste esporte. O sistema jurídico inglês baseado em jurisprudências e com pouca codificação, onde há uma certa autonomia dos magistrados, parece ter fornecido o modelo de aplicação das regras futebolísticas e do julgamento das ações dos jogadores em função das decisões dos juízes das partidas.

<sup>3</sup> A emergência da cidadania integrando os indivíduos, num projeto de nação, acontece em função de seu nivelamento a partir das leis da nação.



esporte, Freud também percebeu uma clara vinculação do esporte com a sexualidade, ao afirmar que

"la educación cultural moderna se sirve, como es sabido, del deporte en gran escala para desviar a la juventud de la actividad sexual; sería más correcto decir que sustituye el placer sexual por el placer del movimiento, con lo cual hace retroceder la actividad sexual a una de sus componentes autoeróticas" <sup>4</sup>.

Vinnai também vai tratar este aspecto baseando-se, justamente, na psicanálise. Para ele, as mudanças verificadas ao longo das partidas, por exemplo, entre passividade e atividade, ataque e defesa, do sentimento de onipotência ao sentimento de fracasso vergonhoso, correspondem, **mutatis mutandis**, aos sentimentos ambivalentes da puberdade, e à etapa de resolução do conflito edipiano, dominada, nos indivíduos do sexo masculino, pelo "modo da penetração", ou "pulsão de dominação"<sup>5</sup>. O futebol, ao engendrar este tipo de situação, dirimiria o conflito edipiano com o pai, pois que as situações de ataque e de defesa, tanto no futebol como no conflito edipiano, permitem a identificação com papéis paternos. Vencer um inimigo no futebol significa uma autoafirmação simbólica da própria potência (cf. VINNAI, 1974, pp. 95 e ss). É isto que parece caracterizar a representação do ataque como conquista sexual de um corpo feminino defendido por outros homens, conforme veremos a seguir.

Uma outra visão sobre este assunto vem de Norbert Elias. Segundo ele, o confronto de futebol, bem como noutros esportes que exigem esforços corporais, satisfaz uma necessidade básica induzida socialmente de uma necessidade humana. O combate do futebol serve para satisfazer uma necessidade de excitação deleitante, semelhante ao sexo. Assim, o esporte produziria uma agradável excitação de luta (cf. ELIAS, 1992A, pp. 94-95), o que parece ser direcionado aos homens. Na relação entre homens, é comum a busca da vitória física, ou simbólica de um homem sobre o outro, o que não acontece na relação com e entre mulheres. Às mulheres são endereçados outros "jogos", ou, no mínimo, o futebol promove, no Brasil, uma identificação lúdica masculina: "o futebol é predominantemente um interesse masculino. (...) Ao definir o futebol como um esporte que exige 'resistência viril', os brasileiros transformaram-no num teste de masculinidade. Os meninos que não demonstram talento ou gosto pelo jogo fracassam no teste. (...) Da mesma forma, o ato de torcer em adulto demonstra interesses masculinos" (LEVER, 1983, pp. 135 e 193).

A identificação do futebol como **locus** masculino, no Brasil e em outros países, também pode ser explicada a partir das simbolizações sobre as partes "futebolísticas" do corpo humano<sup>6</sup>. Tal explicação deve ser complementada com uma reflexão sobre uma construção cultural: a associação, feita em alguns países, entre alguns esportes e a virilidade masculina. Eric Dunning alertava para este fato, ressaltando que o prêmio à força física leva ao desenvolvimento da masculinidade em determinadas esferas da vida social (cf.

---

<sup>4</sup> FREUD, S., **Die Infantile Sexualität**, citado em VINNAI, 1974, p. 36.

<sup>5</sup> Trata-se de "uma tendência que o sujeito possui para dominar a si próprio, saindo da passividade, e, secundariamente, dominar o outro. Mas como a sociedade 'civilizada' proíbe a violência e a brutalidade (manifestações do sadismo), o 'jeito' é apelar-se para o jogo, para o esporte: um artilheiro bem montado, que permite dar vazão a todos os instintos reprimidos no inconsciente, através da fantasia. Tudo é 'como se fosse'" (DIEGUEZ, 1985, p. 97).

<sup>6</sup> Há uma forte conotação sensual/sexual envolvendo as "partes lícitas" da prática do futebol. Além da sensualidade óbvia das pernas, cintura e quadris, o pé também é elaborado sexualmente. Existe um fetiche em relação aos pés que dificilmente ocorre com as mãos. Nas representações populares, o pé parece ter um sentido de virilidade, pois que um jogador que tenha pé pequeno é representado como "pé de moça".

DUNNING, 1992, pp. 399 e ss). Segundo Dunning, "O próprio jogo de futebol é a representação de um confronto que se baseia, no fundamental, na expressão da masculinidade, embora de uma forma que é aprovada e controlada socialmente" (DUNNING, 1992C, pp. 409-410). No futebol, de fato, existe uma exibição agressiva dos atributos da masculinidade.

O futebol pertence a uma categoria de esportes que tem como um dos ingredientes centrais a aceitação social de expressões ritualizadas de violência física. De fato, numa partida de futebol acontece a simulação de um confronto, onde as equipes são autorizadas, até certo ponto, a praticar a violência, representando uma luta. O futebol pode ser caracterizado, portanto, como um encontro de opostos, onde o conflito comunitário é admitido, exercido e subordinado a um "fim pacífico". "A proposição do jogo é a de um combate: penetrar no campo do adversário para atingi-lo no seu último reduto" (VOGEL, 1982, p.80), que, na linguagem futebolística, é eufemisticamente conhecido como "a meta". As regras do futebol, como de outros esportes semelhantes, são destinadas, em parte, a limitar a violência, e a colocá-la em termos socialmente aceitáveis.

Vinnai, por exemplo, atenta para o fato de que

"a pesar del apaciguamiento de la violencia excesiva, el fútbol posibilita, como casi ningún otro deporte, la descarga de agresividad mediante el aparato muscular. Ya el acto de patear la pelota encierra gran agresividad. Una medida aún mayor de agresividad moviliza el hecho de que la misma no se orienta sólo contra la pelota sino también contra el ocasional adversario o todo el equipo rival.(...) Es al rival a quien se trata de herir si no literalmente por lo menos sí en el sentido de que quiere inferírsele una derrota" (VINNAI, 1974, p.122).

O futebol, ao aceitar alguns tipos de enfrentamentos, torna-se um *affaire d'honneur*, pois qualquer forma de afronta física significa uma afronta à honra. Em outras palavras, a "esfera ideal" que rodeia uma pessoa de honra fica manchada com uma afronta física. Conforme Julian Pitt-Rivers,

"una afrenta física es un deshonor, independientemente de las cuestiones morales en juego, y crea una situación en que el honor de la persona afrentada está en peligro y exige 'satisfacción' para volver a su condición normal. (...) Dejar una afrenta sin venganza es dejar el propio honor en estado de profanación y, en consecuencia, eso equivale a cobardía" (PITT-RIVERS, 1979, p. 24).

É por isso que o futebol é endereçado ao universo masculino, ou aponta para a construção de papéis masculinos, pelo menos nas sociedades "mediterrâneas", pois todos os esforços dos jogadores de uma equipe se direcionam a barrar as ações dos adversários em busca do triunfo (a 'violação' de seu próprio gol), e em impor a sua própria vontade (a 'conquista' do gol do adversário). Pode-se também perceber que existem algumas normas de masculinidade no futebol, tanto entre jogadores, como entre torcedores, que enfatizam a capacidade de luta e a "garra". Estas mesmas formas de masculinidade podem ser encontradas, em um outro grau, nas expressões tradicionais de masculinidade ligadas à honra nas sociedades que praticam o futebol de forma preferencial. A virilidade masculina é exaltada em ambas as esferas, por exemplo, em torno da idéia de rudeza, ou seja, de "não se levar desaforo para casa", na aceitação e no controle da dor, e na ausência de

sentimentalismos durante lutas duras<sup>7</sup>, em suma, em não ser covarde. O futebol engendra, além da agressividade já citada, uma boa dose de elementos masoquistas, ao exigir obediência (às regras, aos árbitros etc) e eventual sofrimento, provocado pela dor de um ferimento, ou pela tensão do jogo<sup>8</sup>.

A própria violência nos estádios de futebol pode ser melhor entendida em relação com a construção da masculinidade, nas grandes cidades brasileiras. Em primeiro lugar, deve-se salientar que as confusões entre torcedores de futebol, dentro dos estádios ou fora deles, não é exclusividade de nenhuma época ou locais específicos<sup>9</sup>. A tensão mimética e o descontrolo controlado de emoções que o esporte propicia, nos termos de Elias, nem sempre são controlados. A partir do momento que o futebol se presta a ser fonte de identificação, ele também corre o risco de ter, entre os torcedores, a reprodução do conflito simulado dos jogadores entre os torcedores, sob forma de violência física. Por isso o futebol é separado do tempo e espaço cotidianos, o que, mesmo assim, não impede o afloramento da violência para fora destes limites, dada a fragilidade do pacto consensual em que se baseia qualquer espetáculo de massas<sup>10</sup>.

O fenômeno atual de exarcebção dos confrontos entre torcedores não pode simplesmente ser imputado ao futebol, ou às torcidas organizadas. Os grandes centros urbanos brasileiros, onde geralmente acontecem tais confrontos, são marcados cotidianamente pela violência. A grande concentração de migrantes e os altos níveis de desigualdade social, característicos destes centros urbanos, faz com que haja uma quebra dos antigos e tradicionais vínculos de solidariedade, sendo as comunidades imaginadas representadas pelas torcidas de futebol uma das poucas alternativas, não a única, para a realização de vínculos semelhantes. Como o futebol também é um *affaire d'honneur*, a violência física faz-se presente pois “la vindicación en última instancia del honor radica en la violencia física y, cuando otros medios fallan, existe la obligación, no sólo en el código del honor sino también en medios sociales que no admitan dicho código, de recurrir a ella” (PITT-RIVERS, 1979, p. 27). No campo da honra impera o direito da força. Além disso, a grande maioria dos torcedores que vão aos estádios é formada por jovens do sexo masculino, com idade entre 14 e 25 anos, ou seja, indivíduos que estão constantemente expostos às mais variadas manifestações de violência, a qual se tornou um dos assuntos da mídia que mais provocam fascínio, e que a encaram como uma forma de auto-afirmação da própria masculinidade. Como as grandes cidades brasileiras vivem um processo de banalização da violência, e como a experiência do êxito no futebol exige a exaltação de algumas formas de masculinidade, inclusive por meio da violência física, a reprodução violenta de um confronto simulado torna-se, ela mesma, um espetáculo para a mídia,

---

<sup>7</sup> Segundo Nelson Rodrigues, “para o torcedor é uma delícia perceber, pelo olfato, que não há marmelada, conto-do-vigário: - os jogadores estão realmente suando a camisa, aos borbotões” (Nero Jones in RODRIGUES, 1994, p.10), ou ainda, sobre um jogador que “deixou que lhe fraturassem a perna para evitar um gol. Foi um belo, um lindo suicídio” (Rapsódias de Valdo in RODRIGUES, 1994, p.32), “O lutador (referindo-se aos jogadores) é feito de coragem, vontade e sacrifício” (A Chama das Três Cores in RODRIGUES, 1994, p.143).

<sup>8</sup> “Se for preciso, ele (o jogador) dará a cara para o inimigo chutar” (O escrete da coragem in RODRIGUES, 1994, p.45). Para o senso comum, levar um chute no rosto defendendo suas cores é prova de amadurecimento para os grandes triunfos, por parte do jogador.

<sup>9</sup> Conforme Luiz Felipe B. N. Flores, “a violência - como o futebol - não são ‘coisas-em-si’, reificadas, consensuais, consabidas. A análise da violência no futebol será fatalmente redutora se supuser que há duas ‘entidades’ - a violência e o futebol - distintas cujas articulações só poderão ser claramente discerníveis se a ‘identidade’ de cada ‘entidade’ for preservada. Esta posição, mesmo que possa aparentar cuidado com a história, é basicamente a-histórica porque retira da observação crítica a genealogia dos termos que entroniza e fixa (violência e futebol, no caso)” (FLORES, 1995B, pp. 14-15).

<sup>10</sup> Às vezes é necessário apenas uma pessoa para quebrar este pacto consensual. Em 1989, numa partida no Maracanã disputada pelas seleções do Brasil e do Chile, válida pelas eliminatórias da copa do mundo de 1990, um rojão de sinalização da Marinha atirado por uma torcedora no gramado serviu de pretexto para a simulação de um ferimento pelo goleiro chileno, o que levou ao fim da partida, além de outras conseqüências para a equipe chilena.

realimentando o fascínio que a mesma provoca entre os jovens do sexo masculino, e tornando-a, eventualmente, incontrollável<sup>11</sup>. É comum os torcedores enaltecem a sua imagem de masculinidade, em detrimento de uma suposta falta de virilidade, passividade e feminilização dos adversários, principalmente nas suas manifestações coletivas, como nos xingamentos<sup>12</sup>. Além disso, no Brasil, o senso comum estabeleceu que "futebol é coisa pra homem", e que exige seus sacrifícios, como por exemplo, uma certa abstinência sexual dos jogadores antes das partidas. Diríamos que não é só o sexo, mas a mulher também é representada como algo que deve ficar fora do futebol, apesar de fazer parte da cultura do futebol, nem que seja por negação ("mulher como não-futebol").

Como a nação é representada no futebol como uma irmandade passional, ela é obrigada, para encontrar a si mesma, a distinguir sua própria homosociabilidade da mais explicitamente sexualizada relação entre homens, o que requer a identificação, o isolamento e a contensão do homossexualismo masculino<sup>13</sup>. Por exemplo, os árbitros de futebol são as figuras mais desprezadas pelo público, que constantemente atribui-lhes o rótulo de homossexuais, dado que a sua posição no espetáculo é dotada de uma ambiguidade: o árbitro está entre o público assistente e o jogador. De fato, o árbitro participa e interfere nas partidas, mas não as joga, sendo seu corpo considerado zona neutra<sup>14</sup>, necessitando, por isso, ser decidido, e possuir "personalidade"<sup>15</sup>. Os árbitros são também os únicos personagens do futebol que possuem uma outra carreira profissional paralela, o que sugere que sejam cidadãos bem acreditados, sólidos e bem-reputados. Eles também são diferencialmente identificados pelo uniforme, que é quase um traje civil, destacando-se dos padronizados uniformes dos jogadores. Como nas brigas de galos em Bali (cf. GEERTZ, 1989, p. 290), o árbitro tem uma função semelhante ora a um juiz, ora a um rei, ora a um sacerdote e ora a um policial, e combina todas essas qualificações, e é sob a segurança de sua direção que a paixão pelo jogo prossiga com uma garantia cívica da lei. Por tudo isto, qualquer desvio de sua conduta é prontamente taxado de manifestação feminilizante, homossexual, ou então de desvio de caráter.

Da mesma forma, os goleiros também são personagens ambíguos no futebol, dado que é só a eles que é permitido pegar a bola com as mãos (dentro de sua grande área), sendo também diferencialmente uniformizados. Dado que o arremesso com os pés tem uma conotação mais viril do que com as mãos, a vantagem de pegar e arremessar a bola com as

---

<sup>11</sup> Conforme Toledo, "a violência é um fenômeno próximo e constante entre os torcedores, sobretudo aqueles oriundos das camadas populares. Violência enraizada no meio urbano em que vivem, quer seja objetivada nas ações dos órgãos repressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas pela mídia, nas condutas autoritárias que perpassam as instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol" (TOLEDO, 1996, p. 32).

<sup>12</sup> O palavrão, segundo Nelson Rodrigues, viriliza, além de ser ingrediente essencial de uma partida de futebol. "Eis a verdade: - retire-se a pornografia do futebol e nenhum jogo será possível" (**Bocage no Futebol** in RODRIGUES, 1993). Além disso, "os palavrões invariavelmente trazem a temática da sexualidade (...) geralmente, nos cantos que se prestam à auto-afirmação e ao incentivo, os palavrões usados exaltam atributos masculinos de potência, virilidade. (...) Nos cantos de protestos e intimidação os palavrões são opostos e exprimem, de maneira jocosa, a passividade sexual e, em decorrência deste estereótipo, a subordinação e fraqueza tanto dos jogadores, dirigentes, árbitros, polícia, quanto dos torcedores adversários" (TOLEDO, 1996, pp. 65-66). Ver também TOLEDO, 1993, 1994 e 1996.

<sup>13</sup> Conforme Nadja Sampaio, os meios de comunicação procuram "mostrar ao grande público que o futebol, 'esporte de macho', é uma instituição séria, com uma moral rigorosa. O jogador é sempre mostrado com seus familiares, no seu dia-a-dia, para que haja identificação da parte do torcedor" (SAMPAIO, 1985, p. 66).

<sup>14</sup> "Haverá castigo maior que não poder chutar uma bola que lhe roça as pernas mil vezes durante hora e meia?" (**O juiz, em tese** in NOGUEIRA, 1974, p.114).

<sup>15</sup> Na verdade, reclamar do juiz faz parte dos encontros de futebol. Tanto jogadores como torcida possuem, no juiz, um ponto de escape, e de justificativa para os seus insucessos. Já Nelson Rodrigues em 1956 ressaltava que "a arbitragem normal e honesta confere às partidas um tédio profundo, uma mediocridade irremediável. Só o juiz gatuno, o juiz larápico dá ao futebol uma dimensão nova e, se me permitem, shakespeariana. O espetáculo deixa de se resolver em termos chatamente técnicos, táticos e esportivos. Passa a ter uma grandeza específica e terrível" (**Um Gol cravado no peito do inimigo** in RODRIGUES, 1994).

mãos feminiliza e inferioriza os goleiros perante os outros jogadores. Devido a esta vantagem de pegar a bola com as mãos, o goleiro é frequentemente responsabilizado por gols sofridos pela sua equipe.<sup>16</sup> Também é o goleiro o representante máximo, em uma equipe, dos fatores sorte e azar. Assim, do goleiro também se exige firmeza e personalidade entre seus atributos, e também qualquer deslize seu é considerado falta de masculinidade e de virilidade, ou também desvio moral, pois ele está ali para defender a sua “cidadela”, que é simbolizada como um corpo feminino familiar<sup>17</sup>. Exploremos agora essa questão.

De acordo com a obra **Nationalism and Sexuality**, a unidade nacional tem sido modelada, numa grande variedade de culturas nacionais, sob normas de gênero e de sexualidade. No caso de guerras ou de auto-afirmação nacional, por exemplo, a terra natal é descrita e imaginada como um corpo feminino, cuja violação por estrangeiros requer de seus cidadãos e aliados ir em sua defesa (cf. PARKER et alli, 1992). Assim, no caso do futebol, a associação com guerra, além de salientar a construção da nação, reforça o apelo sexual masculino, pois o processo descrito acima é o mesmo que acontece no decorrer das partidas, quando uma equipe e, por contigüidade, seus torcedores defendem o seu campo e o seu gol (suas posses, ambas imaginadas como figuras femininas), o que explica o fato do futebol ser uma transação de honra com apelo masculino. O momento de maior envolvimento emocional de jogadores e torcedores, durante uma partida, é o momento do gol, que contém uma forte carga de conotação com a conquista sexual e com o orgasmo, como alguns locutores esportivos fazem questão de assinalar. De fato, a bola pode ser considerada um símbolo de virilidade (e de fertilidade), na medida em que ela precisa atravessar um arco, formado pelas traves, que constantemente é descrito e associado aos órgãos reprodutores femininos<sup>18</sup>, cuja violação por forasteiros deve ser evitada pelos jogadores e por torcedores, pela identificação. Conforme Julian Pitt-Rivers, “el honor proporciona un nexo entre los ideales de una sociedad y su reproducción en el individuo mediante su aspiración a personificarlos. Como tal, entraña no sólo una preferencia habitual por un modo de conducta determinado, sino también el derecho a determinado trato a cambio. El derecho al orgullo es el derecho a la posición (tanto en el sentido popular de la palabra como en el antropológico), y la posición se establece mediante el reconocimiento de una identidad social determinada” (PITT-RIVERS, 1979, p.18). Ou seja, trata-se de um arranjo entre homens que devem defender a honra de “suas posses”, que são imaginadas como um corpo feminino familiar, e afirmar a sua própria potência “violando” as posses das outras alianças masculinas. A realização e o objetivo de cada nação é o “golzo” (sic), e a preservação de sua honra. A nação, enquanto grupo social, possui uma honra coletiva que é compartilhada por seus membros. Como o vencedor em qualquer rivalidade pela honra tem sua reputação realçada pela humilhação do vencido, procura-se a marcação do maior número de gols possível no adversário, como também a evitação do contrário. É por isso que é desonroso desejar escapar do combate em uma partida, assim como ser conhecido

---

<sup>16</sup> “Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol e, numa palavra, a derrota” (A eternidade de Barbosa in RODRIGUES, 1994, p.69). “O mais dramático no destino do goleiro é que ele está ali para negar a dimensão da profundidade” (NOGUEIRA, 1974, p.151).

<sup>17</sup> É por isso que os privilégios dos goleiros são revogados à medida em que eles se distanciam de seu gol, tornando-se um “conquistador” potencial do gol adversário.

<sup>18</sup> Quando um time não toma gols, diz-se, frequentemente, que o seu arco permaneceu “virgem”, enquanto que o momento do gol, para vários locutores de futebol é designado pela expressão “rompeu-se o véu-da-noiva”. “Os jogos de bola ou de argolas (...) demonstram ter uma cathexis libidinal, e o simbolismo genital sempre desempenhou uma parte nessas atividades” (Klein, Melanie - Contribuições à psicanálise, citado em CARVALHO, 1995, p.84). Gilson Gil também chamou a atenção para o fato de que o jeito brasileiro de jogar futebol, caracterizado por um “mulatismo anárquico, exprimiria sua afetividade ao tratar o jogo como tentativa de sedução entre amantes” (GIL, 1994, p.103).

como “gol de honra” o gol de uma equipe que perde, pois “cuando se ha perdido todo lo demás, todavía puede salvarse el honor” (PITT-RIVERS, 1979. p. 24).

Por outro lado, constrói-se a representação da Nação como mulher casta, submissa e zelosa, filial ou maternal, que “deve casar-se” com o cidadão homem. Essa é uma dimensão da nação encontrada no termo “pátria”. A “pátria” é uma virtualidade, representada como a terra natal, à qual estamos ligados por laços afetivos. Poderíamos dizer que “pátria”, apesar de seu radical apontar para papéis masculinos, é uma dimensão feminina e afetiva da nação<sup>19</sup>. A construção do Estado é tarefa masculina, pois, a suposta “aula de democracia” que o futebol proporcionaria, ou melhor, a sua “aula de nação”, é a eles, predominantemente, endereçada. O papel feminino nesta representação é o de construtoras da nação, já que é das mulheres a tarefa de geração dos cidadãos (homens). Conforme Luiz Tarlei de Aragão, “pureza, renúncia e doação (...) estão intimamente fundidas na categoria ‘mãe’. (...) A figura da mãe (...) instaura e preside o próprio contexto fundante da família e do social” (ARAGÃO, 1990, pp. 4-5).

A representação da nação no futebol brasileiro permite a submissão da mulher no corpo político nacional, representando neste processo os limites das diferenças nacionais. Existe uma afinidade entre o nacionalismo trazido pelo futebol e a dominação tradicional masculina no Brasil, pois as transações de honra proporcionam um nexos não só entre os ideais da sociedade e sua reprodução nas ações dos indivíduos, mas também entre a ordem ideal e a ordem terrena, ao validar as realidades do poder e fazer que a ordem de prioridade consagrada corresponda a elas (cf. PITT-RIVERS, 1979, p. 38). O futebol brasileiro é um exemplo cuidadosamente preparado da pontuação social brasileira, não oferecendo nenhuma “aula de democracia” às mulheres do país. Não se trata de uma imitação, ou de uma representação ou expressão da nossa vida social, e sim um exemplo dela.

No Brasil, o gosto pelo futebol demonstra que este esporte pode ser entendido, no entanto, como uma “simbólica da masculinidade”. A memória do futebol brasileiro existe, predominantemente, dentro de um universo masculino. A lembrança dos ídolos do passado, às vezes de antes de quem as possui ter nascido, de partidas e de escalações de equipes, transformando-os em heróis e mitos é comum no universo masculino. Deve-se notar que, apesar de ser amplamente documentada (escrita, TV, cinema, fotografias etc), a transmissão dos mitos e das lendas do futebol é feita, em grande parte, oralmente, fornecendo um tipo de conhecimento que cria uma identidade masculina. A socialização de meninos, no Brasil, é feita, em grande parte, a partir do futebol, e de suas lembranças, sua memória, por causa de certos padrões de socialização fixados ao longo de várias décadas. Isto também demonstra que é ao homem que o futebol está direcionado no Brasil.

Tanto as ideologias nacionalistas como o gênero são termos relacionais que baseiam sua identidade própria por estarem inseridos em sistemas de diferenças, o que faz com que o gênero se torne uma linguagem eficaz para tais ideologias, pois

“além de simbolizar a hierarquização dos cidadãos homens e mulheres, o imaginário e gênero contêm as ferramentas para a essencialização de relações e posições. Pensadas como diferenças impostas pela natureza, a distinção entre o masculino e o feminino são metáforas perfeitas para a naturalização da personalidade nacional. Falar a homens e mulheres, avisando-lhes de sua missão civil, é dizer da naturalidade e imutabilidade de seus caracteres típicos como

---

<sup>19</sup> No futebol brasileiro, já é famosa a expressão inventada por Nelson Rodrigues que designa o fenômeno representado pela seleção nacional em Copa do Mundo: **a Pátria em chuteiras**.

participantes de uma Nação, logo fixando-os com um tipo definido de consciência histórica, visão de autoridade e imagem de si” (VIDAL E SOUZA, 1993, p. 9).

Assim, o lugar e o valor ocupado por homens e mulheres nas ideologias nacionalistas transmitidas pelo futebol brasileiro indicam que a construção da nação se utiliza das hierarquizações contidas nas relações entre gêneros para estabelecer que “tipo” de cidadania é pensada para cada sexo.

## CONCLUSÃO.

A partir da definição do que vem a ser o futebol no Brasil, esta dissertação procurou mostrar de que forma o futebol permite a elaboração de uma representação de nação modelada sob normas de raça e de gênero e sexualidade.

A “fiscalidade” do futebol indica que este também pode ser entendido como uma espetáculo ritualístico onde são representados dramas relacionados à nação, ao gênero e à raça. O fenômeno da torcida de futebol foi analisado pelo ângulo das comunidades imaginadas, e pôde ser entendido como o de formação de nacionalidades, principalmente em se tratando do conjunto do futebol brasileiro, seja em função do selecionado nacional (a “Pátria em chuteiras”), seja em função da delimitação do “futebol-arte” como modelo ideal e como característica inclusiva da nação elaborada pelo futebol. As análises contidas nesta dissertação demonstraram que alguns estudiosos do futebol brasileiro devem ser melhor entendidos como grandes pensadores da nação que elaboraram representações acadêmicas sobre o aludido fenômeno. Estas, porém, vão ao encontro das representações populares nas explicações sócio-biológicas de definição do caráter nacional do futebol, que é então definido como um fato “natural”, e não um fato advindo da sociedade e da cultura.

Algumas representações acadêmicas também acompanham as representações populares na simbólica da masculinidade imputada ao futebol. As diferenças sexuais, ao serem valoradas, configuram relações de gênero que favorecem à construção e à comunicação de diferenças colocadas sobre outros rótulos, como as impostas pela construção da nação, de forma que os potenciais classificadores do gênero otimizam as narrativas do nacionalismo no futebol brasileiro.

O “fenômeno” da “**Pátria em Chuteiras**” serve para exemplificar o que afirmamos nesta seção final. Apesar de “pátria” ser um substantivo feminino relacionado à nação (representada como uma figura feminina, como vimos), e de ser imaginada como uma figura materna (a “mãe-pátria”), ela tem um radical que a liga ao mundo masculino (de paternidade) e ao parentesco (cf. ANDERSON, 1989, p. 156). Além disso, o fato de estar usando chuteiras significa que está pronta para jogar futebol, isto quer dizer que a nação simboliza e representa o conjunto dos habitantes (homens, mulheres, crianças e até os mortos) do Brasil que comungam imaginariamente com uma unidade em torno de sua autoafirmação da própria potência, e da defesa de sua “frágil e indefesa” nação, representada como uma mãe. Em outras palavras, o “pai simbólico” dos cidadãos brasileiros que deve calçar chuteiras para defender todos (os brasileiros), bem como para demonstrar sua potência frente a outras pátrias e nações. Eis a “**Nação em chuteiras**”.

A essencialização do nacionalismo brasileiro no futebol pôde ser observada a partir da sua semantização em bases raciais e de gênero, o que também serviu para a hierarquização dos personagens do futebol brasileiro, prescrevendo-lhes posições desejáveis na construção da imagem ideal e vitoriosa da nação. Esta dissertação também tentou analisar a posição do negro, que é representado como o “bailarino da bola” que fundaria, na sua “essência negra”, o nosso valorizado “futebol-arte”. Às mulheres cabe um papel de coadjuvantes neste processo de afirmação masculina da nacionalidade via futebol. Em suma, tal como na briga de galos em Bali, o futebol é uma estória sobre os brasileiros que eles contam a si mesmos.



## **BIBLIOGRAFIA:**

- ANDERSON, Benedict - 1989 - **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática.
- ANTUNES, Fatima M. R. F. - 1994 - O Futebol nas Fábricas. In **Revista USP**, no.22. São Paulo: USP.
- ARAGÃO, Luiz Tarlei de - 1992 - “Mãe Preta, Tristeza Branca”: Processo de Socialização e Distância Social no Brasil. In **Clínica do Social**. São Paulo: Ed. Escuta.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de - 1980 - **Os Gênios da Pelota. Um Estudo do Futebol como Profissão**. PPGAS/ Museu Nacional. Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado).
- BAKHTIN, MiKhaïl - 1987 - **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec.
- BOURDIEU, Pierre - 1983 - Como se Pode ser Esportivo?. In BOURDIEU, Pierre, **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- CALDAS, Waldenir - 1994 - Aspectos Sociopolíticos do Futebol Brasileiro. In **Revista USP**, no.22. São Paulo: USP.
- BRUNI, José Carlos - 1994 - Apresentação. In **Revista USP**, no. 22. São Paulo: USP.
- BURTON, Juliane - 1992 - Don (Juanito) Duck and the Imperial-Patriarchal Unconscious: Disney Studios, the Good Neighbor Policy, and Packaging of Latin America. In **Nationalism and Sexualities**. New York: Routledge.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha - 1994 - Futebol e Relações de Gênero em *Maracanã, Adeus*. In **Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo)**, no. 0. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- CARVALHO, José J. de - 1990 - O Jogo das Bolinhas. Uma Simbólica da Masculinidade. In **Anuário Antropológico 87**. Brasília: Edunb e Tempo Brasileiro.
- CARVALHO, Sandra Salomão - 1985 - Aspectos Psicossociais do Esporte. In DIEGUEZ, Gilda Korff (org.), **Esporte e Poder**. Petrópolis: Vozes.
- CORRÊA, Lúcia Helena - 1985 - Racismo no Futebol Brasileiro. In DIEGUEZ, Gilda Korff (org.), **Esporte e Poder**. Petrópolis: Vozes.
- COSTA, Francisco - 1994 - A Bola a Ponta da Caneta. In **Revista USP**, no.22. São Paulo: USP.
- COUTINHO, Edilberto - 1994 - Zelins, Flamengo até Morrer!. In **Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo)**, no. 0. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- DAMATTA, Roberto - 1979 - **Carnavais, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_ - 1982 - Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In DaMATTA, Roberto e outros - **Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke.
- \_\_\_\_\_ - 1994A - Entrevista. In **Revista Nova Escola**, no. 76.
- \_\_\_\_\_ - 1994B - Antropologia do Óbvio. In **Revista USP**, no.22. São Paulo: USP.
- \_\_\_\_\_ - 1995 - Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Entrevista). In **Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Pesquisa de Campo)**, no. 1. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.

- DIEGUEZ, Gilda Korff - 1985 - Corpo: Liberdade e Prisão. In DIEGUEZ, Gilda Korff (org.), **Esporte e Poder**. Petrópolis: Vozes.
- DILTHEY, W. - 1959 - The understanding of other persons and their life expressions. In Gardiner, P. (Ed.), **Theories of History**. New York: Free Press.
- DUARTE, Luiz Fernando D. - 1994 - **Formação e Ensino na Antropologia Social: Os dilemas da Universalização Romântica**. Caxambú: comunicação à reunião da ANPOCS.
- DUMONT, Louis - 1985 - **O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna**. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_\_ - 1991A - Du piétisme à l'esthétique. Totalité et hiérarchie dans l'esthétique de Karl Philipp Moritz. In **Homo Equalis II. L'Idéologie Allemande. France, Allemagne et retour**. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_ - 1991B - Wilhelm von Humboldt ou la "Bildung" vécue. In **Homo Equalis II. L'Idéologie Allemande. France, Allemagne et retour**. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_ - 1992 - **Homo Hierarchicus: O Sistema de Castas e suas Implicações**. São Paulo: Edusp.
- DUNNING, Eric (Ed.) - 1976 - **The Sociology of Sport - A selection of Readings**. London: Frank Cass.
- DUNNING, Eric - 1992A - A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_ - 1992B - As ligações sociais e a violência no desporto. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_ - 1992C - O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- DUNNING, Eric, MURPHY, Patrick e WILLIAMS, John - 1992 - A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- DURKHEIM, Emile - 1970 - Le dualisme de la nature humaine et ses conditions sociales. In G. Filloux (Ed.), **La science sociale et l'action**. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_ - 1989 - **As Formas Elementares de Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas.
- ECO, Umberto - 1984 - **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- \_\_\_\_\_ - 1989 - Huizinga e o Jogo. In **Sobre os Espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- EICHBERG, Henning - 1979 - Mort de l'idée olympique. In **Nouvelle Ecole**, no. 33.
- ELIAS, Norbert - 1987 - On human beings and their emotions: a process-sociological essay. In **Theory, Culture & Society**, no. 4.
- \_\_\_\_\_ - 1992A - Introdução. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_ - 1992B - A gênese do desporto: um problema sociológico. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_ - 1992C - Ensaio sobre o desporto e a violência. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.

- \_\_\_\_\_ - 1994A - **O Processo Civilizador: Uma História dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_ - 1994B - **O Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric - 1992A - A busca da excitação no lazer. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_ - 1992B - O lazer no espectro do tempo livre. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_ - 1992C - O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- \_\_\_\_\_ - 1992D - A dinâmica dos grupos esportivos: uma referência especial ao futebol. In ELIAS, N. e DUNNING, E. (Orgs.), **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel.
- FEIJÓ, Luiz Cesar S. - 1994 - **A Linguagem dos Esportes de Massa e a Gíria no Futebol**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- FLORES, Luiz Felipe B.N. - 1982 - Na Zona do Agrião. Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol. In DaMATTA, Roberto e outros - **Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothek.
- \_\_\_\_\_ - 1995A - Futebol, os Jogos - 1º Turno. In **Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Pesquisa de Campo)**, no. 1. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- \_\_\_\_\_ - 1995B - Da Construção do Conceito de Violência. In **Futebol e Cultura Brasileira (Pesquisa de Campo)**, no. 2. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- FOUCAULT, Michel - 1987 - **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes.
- FREYRE, Gilberto - 1971 - **Novo Mundo nos Trópicos**. São Paulo: Cia. Editora Nacional/Edusp.
- GEERTZ, Clifford - 1989 - Um Jogo Absorvente: Notas Sobre a Briga de Galos Balinesa. In **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- GIL, Gilson - 1994 - O drama do "Futebol-Arte": o debate sobre a seleção nos anos 70. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, no.25. São Paulo: ANPOCS.
- GOLDGRUB, Franklin - 1990 - **Futebol: Arte ou Guerra? - Elogio ao Drible**. Rio de Janeiro: Imago.
- GORDON Jr., Cesar C. - 1995 - História Social dos Negros no Futebol Brasileiro. In **Futebol e Cultura Brasileira (Pesquisa de Campo)**, no. 2. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- GUEDES, Simoni Lahud - 1977 - **O Futebol Brasileiro - Instituição Zero**. PPGAS/Museu Nacional/ Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado).
- \_\_\_\_\_ - 1982 - Subúrbio: Celeiro de Craques. In DaMATTA, Roberto e outros - **Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothek.
- \_\_\_\_\_ - 1995 - O Salvador da Pátria - Considerações em Torno da Imagem do Jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. In **Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Pesquisa de Campo)**, no. 1. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.

- HELAL, Ronaldo - 1994 - Estádios Vazios, Ausência de Ídolos: Notas para uma Reflexão sobre a Crise do Futebol Brasileiro. In **Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo)**, no. 0. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- HELAL, Ronaldo e Coelho, Maria Claudia - 1995 - Modernidade e Tradição no Futebol Brasileiro: O “Caso Bebeto”. In **Futebol e Cultura Brasileira (Pesquisa de Campo)**, no. 2. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- HELAL, Ronaldo e MURAD, Maurício - 1995 - Alegria do Povo e Don Diego: Reflexões sobre o Êxtase e a Agonia de Heróis do Futebol. In **Brasil: Futebol Tetracampeão do Mundo (Pesquisa de Campo)**, no. 1. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- HERSCHMANN, Micael e LERNER, Kátia - 1993 - **Lance de Sorte: o Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim.
- HERTZ, Robert - 1980 - A Preeminência da Mão Direita: Um Estudo sobre a Polaridade Religiosa. In **Religião e Sociedade**, no. 6. Rio de Janeiro: Tempo e Presença.
- HOBSBAWM, Eric - 1984 - A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1879 a 1914. In HOBSBAWM, E. e RANGER, T., **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_ - 1990 - **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HUIZINGA, Johan - 1993 - **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva.
- KLINTOWITZ, Jacob - 1978 - A Implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de Futebol - 1978. In **Encontros com a Civilização Brasileira**, no.5. Rio de Janeiro.
- KOVEN, Seth - 1992 - From Rough Lads to Hooligans: Boys Life, National Culture and Social Reform. In **Nationalism and Sexualities**. New York: Routledge.
- LEVER, Janet - 1983 - **A Loucura do Futebol**. Rio de Janeiro: Record.
- LEVINE, Robert M. - 1982 - Esporte e Sociedade: o caso do futebol brasileiro. In MEIHY, J.C.S.B. e BERTOLLI Filho, C. (Org.), **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- LÉVI-STRAUSS, Claude - 1974 - Introdução: a Obra de Marcel Mauss”. In MAUSS, Marcel, **Sociologia e Antropologia**, vol I. São Paulo: E.P.U.
- \_\_\_\_\_ - 1989 - **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus.
- LOPES, José Sergio L. - 1994 - A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada. In **Revista USP**, no. 22. São Paulo: USP.
- \_\_\_\_\_ - 1995 - Esporte, Emoção e Conflito Social. In **Mana - Estudos de Antropologia Social**, Vol 1, no. 1. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- LOPES, José Sergio L. e MARESCA, Sylvain - 1992 - A Morte da Alegria do Povo. In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, no. 20. São Paulo: ANPOCS.
- MAUSS, Marcel - 1974A - Relações Reais e Práticas entre a Psicologia e a Sociologia. In MAUSS, Marcel, **Sociologia e Antropologia**, vol I. São Paulo: E.P.U..
- \_\_\_\_\_ - 1974B - As Técnicas Corporais. In MAUSS, Marcel, **Sociologia e Antropologia**, vol II. São Paulo: E.P.U..
- \_\_\_\_\_ - 1981 - A Expressão Obrigatória dos Sentimentos. In MAUSS, Marcel, **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom - 1982 - Para que serve o Futebol?. In MEIHY, J.C.S.B. e BERTOLLI Filho, C. (Org.), **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom e BERTOLLI Filho, Cláudio - 1982 - Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana do começo do século. In MEIHY, J.C.S.B. e BERTOLLI Filho, C. (Org.), **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- MURAD, Maurício - 1994 - Corpo, Magia e Alienação - O Negro no Futebol Brasileiro: Por uma interpretação Sociológica do Corpo como Representação Social. In **Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo)**, no. 0. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- MURAD, Maurício - 1995 - O Lugar Teórico da Sociologia do Futebol. In **Futebol e Cultura Brasileira (Pesquisa de Campo)**, no. 2. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ.
- NOGUEIRA, Armando - 1974 - **Bola na Rede**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editores.
- NOGUEIRA, Armando, SOARES, Jô e MUYLAERT, Roberto - 1994 - **A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar**. São Paulo: Cia. das Letras.
- PARKER, Andrew et alli - 1992 - Introduction. In **Nationalism and Sexualities**. New York: Routledge.
- PITT-RIVERS, Julian - 1979 - La Antropología del Honor. In **Antropología del Honor o Política de los sexos: La Influencia del honor y el sexo en la vida de los pueblos mediterráneos**. Barcelona: Editorial Crítica S.A..
- PRADO, Decio de Almeida - 1994 - Dois Textos. In **Revista USP**, no. 22. São Paulo: USP.
- RAMOS, Roberto - 1984 - **Futebol: Ideologia do Poder**. Petrópolis: Vozes.
- RAMOS, Ricardo (org.) - 1990 - **A Palavra é ... Futebol**. São Paulo: Scipione.
- RODRIGUES, Nelson - 1993 - **À Sombra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Cia das Letras.
- \_\_\_\_\_ - 1994 - **A Pátria em Chuteiras**. São Paulo: Cia das Letras.
- RODRIGUES Filho, Mário - 1964 - **O Negro no Foot Ball Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- \_\_\_\_\_ - 1994 - **O Sapo de Arubinha**. São Paulo: Cia das Letras.
- ROSENFELD, Anatol - 1993 - **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Edusp.
- SALDANHA, João - 1994 - **Histórias do Futebol**. Rio de Janeiro: Revan.
- SAMPAIO, Nadja - 1985 - O Esporte na Televisão. In DIEGUEZ, Gilda Korff (org.), **Esporte e Poder**. Petrópolis: Vozes.
- SEDGWICK, Eve K. - 1992 - Nationalism and Sexualities in the Age of Wilde. In **Nationalism and Sexualities**. New York: Routledge.
- SEVCENKO, Nicolau - 1994 - Futebol, Metrôpoles e Desatinos. In **Revista Usp**, no. 22. São Paulo: USP
- SHIRTS, Matthew G. - 1982A - Literatura Futebolística: uma periodização. In MEIHY, J.C.S.B. e BERTOLLI Filho, C. (Org.), **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- \_\_\_\_\_ - 1982B - Futebol no Brasil ou Football in Brazil?. In MEIHY, J.C.S.B. e BERTOLLI Filho, C. (Org.), **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.
- SOARES, Luis Eduardo - 1979 - Futebol e teatro, notas para uma análise de estratégias simbólicas. In **Boletim do Museu Nacional**, no.33. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

- STEMME, Fritz - 1981 - A Psicologia Social do Futebol. In **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 33. Rio de Janeiro: F.G.V.
- TCHERKÉZOFF, Serge - 1983 - **Le Roi Nyamwezi, la Droite et la Gauche**. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.
- TOLEDO, Luiz Henrique de - 1993 - Por Que Xingam os Torcedores de Futebol?. In **Cadernos de Campo**, no. 3. São Paulo: IBICT.
- \_\_\_\_\_ - 1994 - Transgressão e Violência entre Torcedores de Futebol. In **Revista USP**, no.22. São Paulo: USP.
- \_\_\_\_\_ - 1996 - **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS.
- TOUGUINHÓ, Oldemário e VERAS, Marcus - 1994 - **As Copas que Eu Vi**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará
- VIDAL e SOUZA, Candice - 1993 - **Brasileiros e Brasileiras: O Gênero na Construção da Nacionalidade em Cassiano Ricardo e Alfredo Ellis Jr.** PPGAS/ Universidade de Brasília. Brasília. (Trabalho final para a disciplina Antropologia do Gênero)
- VINNAI, Gerhard - 1974 - **El fútbol como ideología**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- VOGEL, Arno - 1982 - O Momento Feliz, Reflexões Sobre o Futebol e o Ethos Nacional. In DaMATTA, Roberto e outros - **Universo do Futebol: Esporte e sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke.